

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LEITURA: ESTUDOS LINGUÍSTICOS, LITERÁRIOS  
E MIDIÁTICOS

Agda Baracy Netto

**SINFONIA DE ESCUTAS E SILÊNCIOS:  
A MEDI(A)ÇÃO DE LEITURA NO CLUBE DA POESIA**

Santa Cruz do Sul  
2025

Agda Baracy Netto

**SINFONIA DE ESCUTAS E SILÊNCIOS:  
A MEDI(A)ÇÃO DE LEITURA NO CLUBE DA POESIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Leitura: Estudos Linguísticos, Literários e Midiáticos, Linha de Pesquisa: Mediação em Leitura, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de Doutora em Letras.

Dra. Ângela Cogo Fronckowiak  
Orientadora – UNISC

Dra. Eliana Lucia Madureira Yunes  
Banca examinadora – PUC – Rio

Dra. Mirna Spritzer  
Banca examinadora – UFRGS

Dra. Sandra Regina Simonis Richter  
Banca examinadora – UNISC

Dra. Ana Claudia Munari Domingos  
Banca examinadora – UNISC

Santa Cruz do Sul

2025

#### CIP - Catalogação na Publicação

Netto, Agda Baracy

Sinfonia de escutas e silêncios : a medi(a)ção de leitura no Clube da Poesia / Agda Baracy Netto. – 2025.

238 f. : il. ; 35 cm.

Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Ângela Cogo Fronckowiak.

1. Mediação em leitura. 2. Clube da Poesia. 3. Silêncio e escuta. 4. Poesia e vocalização. 5. Teatralidade do corpo em voz. I. Fronckowiak, Ângela Cogo. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dedico este trabalho ao meu querido Davi, que me deixa *incrédula* todos os dias.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço pela oportunidade que me é dada a cada dia, quando passo pela porta da sala de aula com a minha paciência, a minha escuta e o meu silêncio, indispensáveis nesse estar com adolescentes.

Aos meus queridos alunos do Clube da Poesia, os quais transformam a vida, às vezes nublada, em uma magnífica floresta esperando ser explorada.

Às minhas parcerias de sonhos na escola, Simone Bencke, Andressa Espasandin e Nicole Rieger, mais que colegas, são alicerces, quando o mundo não vai bem. Pessoas que me mostram todos os dias o que é cumplicidade.

Ao meu amor e grande parceiro, Luciano Jorge Netto, eu agradeço imensamente pelo apoio, amparo, incentivo, carinho e paciência, sem os quais a concretização desta pesquisa não seria possível. Saber quando eu precisei de um café recém-passado fez toda a diferença!

Ao meu filho que, embora não saiba plenamente, trouxe a vontade e todas as palavras que me faltaram, porque ele é um ser humano único e de coração aberto.

À minha irmã Aida Baracy Klafke, por ser a primeira da família a estudar e a primeira a se tornar professora, por ter me mostrado o significado do amor fraterno e sem limite, por sempre ser sincera, pela escuta, pelo olhar e pelo abraço inconfundíveis.

À minha família que, embora pouco compreenda o significado de um Doutorado, genuinamente esteve comigo nesta empreitada e, em especial, aos que se despediram antes do tempo de verem a caçula chegar até aqui: meu pai, Atalino, e minhas irmãs Iara e Ieda.

À minha incrível orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ângela Cogo Fronckowiak, uma grande entusiasta do saber, das letras, da literatura, da leitura, das músicas, dos afetos, e das construções coletivas. A mulher que vibra, mesmo através da tela do computador, com as minhas pequenas e grandes conquistas. Agradeço a oportunidade de, novamente, caminhar ao teu lado e conhecer o significado mais doce das palavras “amora” e “pitanga”. O brilho do teu olhar é o que me trouxe até aqui, para a floresta que sonhei encontrar.

Ao Colégio Mauá, por ter acreditado em uma aluna graduanda do Curso de Letras, com apenas dezenove anos e por permanecer confiando na professora que sonha constantemente.

À CAPES, que me concedeu bolsa PROSUP para a realização do Doutorado, sem a qual este trabalho não se realizaria.

À UNISC e ao PPGL, por abrirem portas para novos sonhos, inclusive os meus! Por terem me presenteado com professores altamente qualificados, os quais foram exemplos que constroem o meu ser professora.

Ao professor Dr. Norberto Perkoski que, como um leão que ruge, vocalizava poemas que ainda pousam em mim.

Ao meu amado Grupo de pesquisa: Estudos Poéticos: Educação e Linguagem, um dos presentes mais encantadores que o Doutorado me deu; pessoas que, assim como eu, acreditam no poder das palavras e no poder do estar junto. Com vocês, Alana, Darliana, Cristiane, Giulio, Letícia e Vanessa, eu sorri com as conquistas que não foram minhas, chorei com as águas da enchente que levaram parte dos nossos sonhos, viajei (corajosamente) em um final de ano letivo e senti, na pele, o que é parceria. Isso tudo porque somos grupo. E, claro, porque temos seres encantadores e encantados como a professora Sandra, nossa biblioteca que está sempre pronta para compartilhar.

À linha de pesquisa Estudos de Mediação em Leitura, que me mostrou muitos caminhos: da partilha, das leituras, das incertezas, dos sorrisos, da parceria.

Aos colegas e amigos da escola, parceiros de conversas e de sonhos poéticos: Luciano Silveira, Daniel Schroeder, Samantha Parisotto, Cleiton Machado, Sandra Vicentini, Eduardo Spall, seu Rui – quem cuida dos jardins da escola.

Às colegas e amigas Fabiana Beber, Fernanda Zubarán e Maria Cristina Schroeder, com quem aprendo diariamente sobre vida, sobre ser e estar presente.

Às professoras que compuseram a banca de qualificação deste trabalho e leram carinhosamente as linhas que edificam esta pesquisa. A vocês, a gratidão de quem ainda está aprendendo a caminhar.

Obrigada, enfim, à vida, por me ensinar que o estudo é o caminho para construir sonhos com outros, sempre com outros ao meu lado.

*Os Argonautas*

*Caetano Veloso*

*O Barco!*

*Meu coração não aguenta*

*Tanta tormenta, alegria*

*Meu coração não contenta*

*O dia, o marco, meu coração*

*O porto, não!*

*Navegar é preciso*

*Viver não é preciso.*

*O Barco!*

*Noite no teu, tão bonito*

*Sorriso solto perdido*

*Horizonte, madrugada*

*O riso, o arco da madrugada*

*O porto, nada!*

*Navegar é preciso*

*Viver não é preciso*

*O Barco!*

*O automóvel brilhante*

*O trilho solto, o barulho*

*Do meu dente em tua veia*

*O sangue, o charco, barulho lento*

*O porto, silêncio!*

*Navegar é preciso*

*Viver não é preciso*

## RESUMO

A mediação em leitura, quando provoca, desloca e propõe, é um importante alicerce na constituição de bons ouvintes, sagazes leitores, potentes vocalizadores e, obviamente, pessoas competentes no olhar: as palavras, o outro, o mundo à sua volta. Valorar a mediação é o primeiro passo para que haja não só mediadores envolventes e envolvidos, mas ainda propostas de encontros que busquem espaços de escuta, de silêncio e de leituras em toda e qualquer escola. Entendemos, nesse sentido, que a leitura é um direito essencial à vida e, assim vista, como um direito, pode construir outros e vários sentidos e caminhos a serem trilhados com afeto e com criticidade. Entretanto, é sabido o quanto há iniciativas fundamentais nas escolas, mas, também, o quanto ainda é possível caminhar ao encontro de ideias e interações essenciais nessa cumplicidade entre a leitura, a poesia e o adolescente. Com essa percepção, o presente trabalho propõe a observação atenta sobre a *floresta* presente (aquele espaço repleto de enigmas a serem desvendados) esperando pela prudente exploração, de um Clube da Poesia, em uma instituição privada do interior do Rio Grande do Sul, dedicado aos estudantes do Nono Ano do Ensino Fundamental, os quais – nas nossas muitas generalizações – não gostam de poesia. Esse espaço-tempo encontrado no Clube, uma vez por semana, durante oito meses, além de promover a leitura de poemas, incentiva os adolescentes a procurarem dentro de si alguns indícios sobre a sua maneira de ler, de vocalizar poemas, de compreender a si através daquilo que leem, de experimentar o corpo em linguagem, em companhia de um outro: o livro, o poema, a música, o som, o colega, o silêncio, a escuta, o mediador. Para tanto, buscamos na fenomenologia a âncora para pensar os encontros e como compreender, na observação atenta e afetiva, os processos que vibram nos corpos adolescentes, quando encontram a experiência de seu corpo-linguagem, através da vocalização de poemas. Nessa busca constante, estivemos acompanhados de teóricos como Gaston Bachelard, Cecília Bajour, Graciela Montes, Roland Barthes, Jorge Larrosa, Paul Zumthor, Eliana Yunes, Mirna Spritzer, Sandra Richter, Marina Garcés, Ângela Fronckowiak, e muitos e importantes outros autores que, assim como nós, desafiaram-se a olhar e a escutar. A ideia de debruçar-se nesse fenômeno exige certa maciez no pesquisar, porque o fenômeno é acontecimento e, enquanto acontece, transforma-se e torna-se experiência. E nossa experiência esteve sempre disposta a abrir novos caminhos. Como considerações possíveis (e não finais), pontuamos a nossa inquietação relacionada à *formação*: de uma mediadora-pesquisadora, que se refaz, desfaz e se repensa constantemente; de professores voltados para o sensível, principalmente no que diz respeito às salas das licenciaturas nas universidades; e de leitores, enquanto seres que, antes mesmo de escolherem o texto, têm em seu corpo em voz o ninho de acolhimento para as palavras.

**Palavras-chave:** Mediação em leitura. Poesia e vocalização. Silêncio e escuta. Teatralidade do corpo em voz. Clube da Poesia. Formação para o sensível.

## RESUMEN

La mediación en lectura, cuando provoca, desplaza y propone, es una importante base en la constitución de buenos oyentes, sagaces lectores, potentes vocalizadores y, obviamente, personas competentes en la mirada: las palabras, el otro, el mundo a su alrededor. Valorar la mediación es el primer paso para que haya no solo mediadores motivadores e involucrados, sino también propuestas de encuentros que busquen espacios de escucha, de silencio y de lecturas en toda y cualquier escuela. Entendemos, en ese sentido, que la lectura es un derecho esencial a la vida y, así vista, como un derecho, puede construir otros y varios sentidos y caminos a recorrer con afecto y con criticidad. Sin embargo, es sabido cuanto hay iniciativas fundamentales en las escuelas, pero, también, cuanto aún es posible caminar al encuentro de ideas e interacciones esenciales en esa complicidad entre la lectura, la poesía y el adolescente. Con esa percepción, el presente trabajo propone la observación atenta sobre la *floresta* presente (aquel espacio repleto de enigmas que pueden ser desvendados) esperando por la prudente exploración, de un Club de la Poesía, en una institución privada del interior del Rio Grande do Sul, dedicado a los estudiantes del Noveno Año de la Primaria, a los cuales – en nuestras muchas generalizaciones – no les gusta poesía. Ese espacio-tiempo encontrado en el Club, una vez a la semana, durante ocho meses, además de promover la lectura de poemas, incentiva a los adolescentes a procurar dentro de sí algunos indicios sobre su manera de leer, de vocalizar poemas, de comprender a sí a través de lo que leen, de experimentar el cuerpo en lenguaje, en compañía de un otro: el libro, el poema, la música, el sonido, el compañero, el silencio, la escucha, el mediador. Para ello, buscamos en la fenomenología el ancla para pensar los encuentros y cómo comprender, en la observación atenta y afectuosa, los procesos que vibran en los cuerpos adolescentes, cuando encuentran a experiencia de su cuerpo-lenguaje, a través de la vocalización de poemas. En esa búsqueda constante, estuvimos en compañía de teóricos como Gaston Bachelard, Cecília Bajour, Graciela Montes, Roland Barthes, Jorge Larrosa, Paul Zumthor, Eliana Yunes, Mirna Spritzer, Sandra Richter, Marina Garcés, Ângela Fronckowiak, y muchos e importantes otros autores que, así como nosotros, se desafiaron a mirar y a escuchar. La idea de investigar ese fenómeno exige cierta blandura en el pesquisar, porque el fenómeno es acontecimiento e, mientras ocurre, se transforma y se vuelve experiencia. Y nuestra experiencia estuvo siempre dispuesta a abrir nuevos caminos. Como consideraciones posibles (y no finales), destacamos nuestra inquietud relacionada a la *formación*: de una mediadora-investigadora, que se rehace, deshace y se repiensa constantemente; de profesores centrados en lo sensible, principalmente en lo que se refiere a las aulas de las graduaciones en las universidades; y de lectores, como seres que, incluso antes de elegir el texto, tienen en su cuerpo en voz el nido de acogimiento para las palabras.

**Palabras clave:** Mediación en lectura. Poesía y vocalización. Silencio y escucha. Teatralidad del cuerpo en voz. Club de la Poesía. Formación para lo sensible.

## ABSTRACT

Reading mediation, when it provokes, moves and proposes, is an important foundation in the constitution of good listeners, shrewd readers, powerful vocalizers and, obviously, people who are competent in looking at words, others and the world around them. Valuing mediation is the first step towards having not only engaging and involved mediators, but also proposals for meetings that seek spaces for listening, silence and reading in each and every school. In this sense, we understand that reading is an essential right to life and, seen in this way, as a right, it can construct other and various meanings and paths to be followed with affection and criticality. However, it is well known how many fundamental initiatives there are in schools, but also how much there is still to do to find ideas and essential interactions in this complicity between reading, poetry and adolescents. With this in mind, this paper proposes the careful observation of the forest present (that space full of enigmas to be unraveled) awaiting the prudent exploration of a Poetry Club in a private institution in the countryside of Rio Grande do Sul, dedicated to students in the ninth year of elementary school, who - in our many generalizations - do not like poetry. This space-time found at the Club, once a week for eight months, as well as promoting the reading of poems, encourages teenagers to look inside themselves for some clues about their way of reading, vocalizing poems, understanding themselves through what they read, experiencing the body in language, in the company of another: the book, the poem, the music, the sound, the colleague, the silence, the listening, the mediator. To this end, we looked to phenomenology as an anchor for thinking about the encounters and how to understand, through attentive and affectionate observation, the processes that vibrate in adolescent bodies when they experience their body-language through the vocalization of poems. In this constant search, we were accompanied by theorists such as Gaston Bachelard, Cecília Bajour, Graciela Montes, Roland Barthes, Jorge Larrosa, Paul Zumthor, Eliana Yunes, Mirna Spritzer, Sandra Richter, Marina Garcés, Ângela Fronckowiak, and many other important authors who, like us, challenged themselves to look and listen. The idea of looking at this phenomenon requires a certain softness in research, because the phenomenon is an event and, while it is happening, it is transformed and becomes an experience. And our experience was always ready to open up new paths. As some possible (and not final) considerations, we would like to point out our concern regarding training: of a mediator-researcher, who is constantly remaking, undoing and rethinking herself; of teachers focused on the sensitive, especially in university degrees; and of readers, as beings who, even before choosing the text, have in their body in voice the welcoming nest for the words.

**Keywords:** Reading mediation. Poetry and vocalization. Silence and listening. Body in voice theatricality. Poetry Club. Training for the sensitive.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                      |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – A escolha cuidadosa de um convite .....                                   | 70  |
| Figura 2 - Bilhete que foi entregue a cada um dos 20 alunos inscritos .....          | 71  |
| Figura 3 - E depois do túnel?.....                                                   | 74  |
| Figura 4 - Depois do túnel: espaço organizado, aguardando a chegada do grupo .....   | 75  |
| Figura 5 - Saquinhos costurados, os quais foram levados para casa pelos alunos ..... | 75  |
| Figura 6 - Poema que estava estendido no varal .....                                 | 76  |
| Figura 7 - Poema que estava dentro de cada um dos envelopes.....                     | 76  |
| Figura 8 - Alunos “recolhendo os panos” no varal para seus registros .....           | 78  |
| Figura 9 - Um dos panos expostos por aluno .....                                     | 79  |
| Figura 10 - A experiência .....                                                      | 83  |
| Figura 11 - A experiência com o pano .....                                           | 83  |
| Figura 12 - A costura de muitos sentimentos .....                                    | 84  |
| Figura 13 - Momento de escuta e de fala .....                                        | 85  |
| Figura 14 - Livro com o poema original e as peças com os versos.....                 | 88  |
| Figura 15 - Alunos discutindo e montando o poema.....                                | 90  |
| Figura 16 - Conversa sobre as palavras sujas no pátio .....                          | 93  |
| Figura 17 - O início da escrita com tinta .....                                      | 93  |
| Figura 18 - Observar o pano pronto e as palavras que constituíam aquele grupo.....   | 94  |
| Figura 19 - O céu ou a terra podem levar nossas palavras .....                       | 95  |
| Figura 20 - O pano que representa todo o grupo .....                                 | 96  |
| Figura 21 - O reencontro com o pano.....                                             | 99  |
| Figura 22 - A conversa e a emoção advindas das palavras .....                        | 100 |
| Figura 23 - Espaço, escada, voz e palavra.....                                       | 103 |
| Figura 24 - Espaço, caixa de papelão, voz e palavra.....                             | 104 |
| Figura 25 - Espaço, espelho, voz e palavra .....                                     | 104 |
| Figura 26 - Espaço, poltrona, voz e palavra .....                                    | 105 |
| Figura 27 - O espaço e a cama que une .....                                          | 106 |
| Figura 28 - As mesas (cabanas) e os panos coloridos .....                            | 109 |
| Figura 29 - Impressões .....                                                         | 110 |
| Figura 30 - Alunos na sala da Educação Infantil.....                                 | 111 |
| Figura 31 - A leitura em um lugar afetivo .....                                      | 112 |

|                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 32 - A leitura, o espaço e o corpo.....                                  | 113 |
| Figura 33 - A leitura e o corpo .....                                           | 113 |
| Figura 34 - A leitura e o corpo que memoriza.....                               | 115 |
| Figura 35 - <i>Piquenique poético</i> : tempo para pausar, falar e escutar..... | 118 |
| Figura 36 - Camisetas pensadas pelos alunos de 2022 a 2024 .....                | 123 |
| Figura 37 - Vocalizações e escutas entre os alunos.....                         | 125 |
| Figura 38 - Vocalizações e escutas entre os alunos.....                         | 125 |
| Figura 39 - Escuta atenta .....                                                 | 128 |
| Figura 40 - O barco de muitos significados.....                                 | 133 |
| Figura 41 - A simplicidade do palco e sua potência de significados.....         | 134 |
| Figura 42 – Cartaz do encontro .....                                            | 135 |
| Figura 43 - Promoção do evento .....                                            | 139 |
| Figura 44 - O que viam os olhos ao chegarem: nosso caminho .....                | 142 |
| Figura 45 - O que viam os olhos ao chegarem: o começo de tudo.....              | 142 |
| Figura 46 - Encontro para sermos lembrados do que somos capazes .....           | 143 |
| Figura 47 - Vocalização do poema “Multidão”, de Carlos Nejar.....               | 144 |
| Figura 48 - Luís e seu corpo em voz .....                                       | 145 |
| Figura 49 - Laura e sua “conversa” com o público .....                          | 145 |
| Figura 50 - Manuelle em performance .....                                       | 146 |
| Figura 51 - Barquinho 1 da plateia .....                                        | 147 |
| Figura 52 - Laura e Gabriela em um lugar qualquer .....                         | 148 |
| Figura 53 - Laura e Lara em um bar imaginário.....                              | 149 |
| Figura 54 - Luiza e os corações jogados pelo chão .....                         | 150 |
| Figura 55 - O mar e a lua dispostos na escada.....                              | 150 |
| Figura 56 - Paloma e sua força individual.....                                  | 151 |
| Figura 57 - Professor Daniel, um parceiro do Clube.....                         | 152 |
| Figura 58 - Larissa e as flores que a acompanhavam .....                        | 153 |
| Figura 59 - Catarina e seu olhar penetrante.....                                | 154 |
| Figura 60 - Eduarda e a sombra que lhe acompanha .....                          | 155 |
| Figura 61 - Manuelle e os corações no chão .....                                | 156 |
| Figura 62 - Professora Samantha, nossa parceira de palavras.....                | 157 |
| Figura 63 - Luiza e Eduarda brindando na noite carioca.....                     | 158 |
| Figura 64 - Karolini soltando a sua voz.....                                    | 159 |
| Figura 65 - Luís e as mãos que gesticulam a mágoa .....                         | 160 |



|                                                                              |     |
|------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 66 - Parte do Clube da Poesia (2022) no Aulão de História (2023)..... | 160 |
| Figura 67 - O preto e o branco em uma só cor .....                           | 161 |
| Figura 68 - Barquinho 4 da plateia: o tempo do suspiro .....                 | 162 |
| Figura 69 - Sobre a tela, a realidade .....                                  | 163 |
| Figura 70 - A mancha da realidade.....                                       | 163 |
| Figura 71 - Lara, a conquistadora.....                                       | 164 |
| Figura 72 - A multidão ímpar do Clube da Poesia .....                        | 165 |
| Figura 73 - O olhar que representa o “tudo” .....                            | 166 |
| Figura 74 - As cores estão em todos os lugares.....                          | 168 |
| Figura 75 - Ano 2024 .....                                                   | 179 |
| Figura 76 - Ano 2023 .....                                                   | 179 |
| Figura 77 - Ano 2021 .....                                                   | 180 |
| Figura 78 - Ano 2017 .....                                                   | 180 |

## SUMÁRIO

|            |                                                                                                     |            |
|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO (ou de como cheguei à floresta depois da neblina).....</b>                            | <b>15</b>  |
| <b>2</b>   | <b>DAS OPORTUNIDADES .....</b>                                                                      | <b>28</b>  |
| <b>2.1</b> | <b>A oportunidade da escola.....</b>                                                                | <b>29</b>  |
| <b>2.2</b> | <b>A oportunidade da escuta e dos silêncios .....</b>                                               | <b>36</b>  |
| <b>2.3</b> | <b>A oportunidade do encontro.....</b>                                                              | <b>41</b>  |
| <b>3</b>   | <b>DOS CAMINHOS .....</b>                                                                           | <b>46</b>  |
| <b>3.1</b> | <b>A fenomenologia (ou o olhar sensível para viver o fenômeno que acontece na escola)<br/>.....</b> | <b>46</b>  |
| <b>3.2</b> | <b>A mediação em leitura.....</b>                                                                   | <b>52</b>  |
| <b>3.3</b> | <b>O corpo em voz .....</b>                                                                         | <b>56</b>  |
| <b>4</b>   | <b>DOS ENCONTROS.....</b>                                                                           | <b>61</b>  |
| <b>5</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS (ou o que encontramos na floresta até aqui) ..</b>                       | <b>169</b> |
| <b>6</b>   | <b>TATUAGENS (ou o que não sai do meu corpo).....</b>                                               | <b>176</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                            | <b>182</b> |
|            | <b>APÊNDICE A - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido .....</b>                                 | <b>187</b> |
|            | <b>APÊNDICE B - Termo de Consentimento para Responsabilizado .....</b>                              | <b>189</b> |
|            | <b>APÊNDICE C - Relato de ex-aluna .....</b>                                                        | <b>192</b> |
|            | <b>APÊNDICE D - Depois do Clube de poesia, o que fica? .....</b>                                    | <b>193</b> |
|            | <b>APÊNDICE E - Relato de parceira.....</b>                                                         | <b>200</b> |
|            | <b>APÊNDICE F - Relato de parceira .....</b>                                                        | <b>201</b> |
|            | <b>APÊNDICE G - Relato de parceira .....</b>                                                        | <b>203</b> |
|            | <b>ANEXO A - Autorização da escola .....</b>                                                        | <b>204</b> |
|            | <b>ANEXO B - Aprovação do CEP .....</b>                                                             | <b>205</b> |
|            | <b>ANEXO C - Textos das temáticas selecionadas .....</b>                                            | <b>206</b> |
|            | <b>ANEXO D - Tinta sobre tela.....</b>                                                              | <b>234</b> |

|                                               |            |
|-----------------------------------------------|------------|
| <b>ANEXO E - O limão e o chocolate .....</b>  | <b>235</b> |
| <b>ANEXO F - O que mais amo na arte .....</b> | <b>237</b> |

## 1 INTRODUÇÃO (ou de como cheguei à floresta depois da neblina)

*O crescimento do eu ameaça a linguagem em sua dupla função:  
como diálogo e como monólogo.  
O primeiro se fundamenta na pluralidade;  
o segundo, na identidade.  
A contradição do diálogo consiste em que cada um fala consigo mesmo  
ao falar com os outros;  
a do monólogo em que nunca sou eu;  
mas outro, o que escuta o que digo a mim mesmo.*

Octavio Paz

Neste texto que, por quatro anos, foi pensado, planejado e sendo construído aos poucos, na velocidade em que um “agora” acontecia, há uma mistura de vozes que costura os sentidos que um estudo fenomenológico provoca. Por isso, alguns parágrafos almados, plenamente autorais, estão escritos em primeira pessoa, porque existe um “eu” no singular que busca pelo seu ser mediadora e, nessa busca, encontra e narra caminhos distintos. Em outros momentos da pesquisa, com a ideia genuína da conversa e da escuta, há um “nós”, uma pessoa do/no plural, que descobre um fazer que deseja o outro. Assim, o “nós” apresenta Quixote e Sancho, pesquisadora e orientadora, desbravando caminhos e lugares nunca antes vistos com olhares tão quixotescos. O mesmo “nós” que chama para o diálogo, que provoca outras vozes: dos colegas professores, do grupo de pesquisa, das parceiras de projeto. No acolhimento desse *eu* e os tantos *nós* é que nasce o desejo de caminhar, de sonhar, de lutar com gigantes dos moinhos de vento.

A vivência de muitos anos na sala de aula, explorando caminhos, por onde trilhar, entre a linha tênue do diálogo e do monólogo, trouxe-me mais do que o esperado de qualquer instituição, seja ela pública ou privada. Muitas vezes, no meu monólogo, observei que o professor em nosso país – e também fora dele – caminha incansavelmente em busca de seus objetivos íntimos e secretos. Essa, talvez, seja a maneira como os educadores ultrapassam as tantas questões sistemáticas de uma escola e permanecem – firmes – em seus propósitos. Poderíamos nos questionar, aqui, se essa também não seria a realidade das outras inúmeras profissões, e a resposta é: sim. A diferença muito singular, então, estaria no fato de ser o professor a base para todas as outras profissões, para todos os outros sonhos e conquistas. Por isso, inevitavelmente, a educação e o educador merecem um olhar mais profissional e maior valorização.

Início com esse tom de conversa, justamente porque nós, professores – pesquisadores, desejamos isto: compartilhar práticas essenciais que só a educação nos proporciona e buscar na

teoria o que irá nos substanciar nesse fazer. Entretanto, uma ideia pontual precisa estar clara: nosso lugar de fala transparece nossas reflexões sobre *estar* com alunos diariamente, ou seja, deixemos, a partir de agora, as mazelas educacionais, as inquietações que emudecem os professores, as insatisfações que – por muitos momentos – deixam-nos inertes ao que acontece ao nosso redor e busquemos, juntos, caminhos que transcendam essa amarga realidade. Afinal, sabemos que a linguagem é sempre uma forma de vivermos juntos e a isso nos propusemos nessa pesquisa: vivermos a potência do estar junto em linguagem.

O *acontecer* é o que me moveu até aqui, pois “pesquisar quer dizer ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando suas múltiplas dimensões e andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez mais...” (Bicudo, 2005, p. 8). De forma alguma deixamos de pensar sobre as tantas atrocidades relacionadas há muito tempo à educação, apenas gostaríamos de perceber o nosso fazer com outros pontos de vista, outros sentidos, outras dimensões, principalmente o da esperança de ser a diferença entre adolescentes, já que o trabalho sobre o qual refletiremos vai além das lamentações, porque, antes mesmo de falar, nós escutamos. É daí – da escuta – que tudo começa.

Se perguntasse a um grupo de pessoas o que faz um professor, talvez, respondessem “dão aulas”, ou, ainda, “falam sobre conteúdos específicos”. A ideia recorrente em relação ao que desenvolve um educador é quase sempre a partir do conteúdo: teoria, exercícios, revisão, avaliações. Tais tarefas burocráticas são, evidentemente, necessárias e constituem a formação de todo e qualquer professor. Todavia, o convite é pensar, justamente, o que vai além do que já é esperado de um educador. Reflitamos, então, sobre o que se faz depois do conteúdo, depois da fala, depois da prova. Ou seria antes de tudo? É preciso pensar, pois, sobre o que há nas entrelinhas de uma aula.

Podemos iniciar com a ideia de que a escuta precede a fala potente de um professor, porque, nas entrelinhas do tempo-espço de uma aula, existe o silêncio. A sua existência – tão importante quanto a fala – requer sensibilidade, interesse pelo outro, compreensão de uma voz que quer (precisa) ser ouvida. A sua existência requer silêncio. Para Bajour (2012, p. 20), na

fala dos jovens e dos adultos há também uma convivência entre o dito e o não dito ou o sugerido. Em contextos marcados pela exclusão ou por diversas formas de violência, reais e simbólicas, no balanço entre o dizer e o calar geralmente predomina o silêncio como refúgio, como resistência ou como alienação da própria palavra.

Reforço a importância de que a escola promova momentos de refúgio no silêncio. Na sala de aula, ou em outros espaços oferecidos em uma instituição de ensino, perceber o não dito pelos alunos pode ser mais relevante que o próprio dizer. Refletindo sobre isso, o olhar nessa

pesquisa está voltado especificamente para um projeto que, de maneira intrínseca, deseja perceber esse não dito e encorajá-lo a se mostrar. Intitulado Clube da Poesia, ano a ano, a iniciativa envolve em torno de vinte adolescentes, os quais fazem parte de, no mínimo, cinco turmas distintas do Nono Ano do Ensino Fundamental. Eles se inscrevem voluntariamente para experimentar, uma vez por semana, por uma hora e meia, a vocalização de poemas e chegam com muitas falas, com a agitação típica do adolescer. Contudo, aos poucos, percebemos o quanto necessitam se refugiar. Parar. Escutar. Fronckowiak (2013, p. 25) propõe que

ouvir o outro não é apenas estar diante dele dizendo “pode falar”, ouvi-lo implica poder ouvir. Poder ouvir não só o que não gostaria de escutar – exercício fundamental para eliminar a arbitrariedade – mas poder ouvir que, seguidamente, eu escuto para poder falar, o que exige do outro ouvir aquilo que eu não sei calar, o que eu insisto em dizer, o que só a mim interessa planejar enquanto diálogo.

Por isso, o refúgio o qual desejamos desvendar exige de nós, mediadores, paciência com o tempo. Há um longo caminho até que o silêncio não seja sinônimo, para o adolescente, de solidão. Precisamos de vários encontros até que haja cumplicidade, até que o aluno perceba que pode falar o quiser, da forma mais genuína possível, e que alguém, diante dele, está disposto a escutá-lo, sem corrigi-lo ou julgá-lo.

Nesse viés, da busca pela escuta e pelo silêncio como alicerces da mediação em leitura a qual desejamos propor, encontramos o Colégio Mauá, cenário principal no qual está inserido, desde 2017, o Clube da Poesia. A escola conta com mais de dois mil alunos, divididos entre Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. É uma instituição que prima por resultados e, ao mesmo tempo, oferece aos discentes diversas atividades extracurriculares, desde departamentos com esportes coletivos e individuais até teatro, conjunto instrumental, ginástica rítmica e, recentemente, grupo de escoteiros. Em constante evolução e movimento, em 2018, a equipe diretiva anunciou que iniciaria a implantação de um currículo bilíngue, a partir de 2019. Nesse contexto, levando em consideração o número extenso de possibilidades culturais dentro do próprio educandário, pensar um novo projeto é sempre desafiador, porque precisa, primeiramente, convencer de que é tão importante e válido quanto as outras atividades. Assim, em 2017, o Clube da Poesia começa seu caminho dentro desse cenário sério, meticuloso e, de certa forma, já sobrecarregado.

Outro ponto importantíssimo a se registrar, de início, são as parcerias existentes, na escola, com outras colegas: a professora de Artes, com anos de experiência com teatro, dentro e fora da escola, Simone Bencke; a ex-aluna, agora colega de Inglês e de Língua Portuguesa, com formação em Letras e Jornalismo, Nicole Rieger e, em outros momentos, a professora

Andressa Espasandin, com formação em Letras-Português/Espanhol. Além das três profissionais que abraçaram o projeto desde o início, outros docentes e funcionários, amigos do Clube da Poesia, auxiliam incansavelmente, no que for necessário, durante o ano letivo. É fundamental valorar a vastidão de olhares para o mesmo processo, pois compreendemos que

o olhar atento pode ser uma forma de desnaturalizar o que está diante de nossos olhos (talvez uma visão interior e não necessariamente aquela oferecida às retinas. Olhar com outros olhos é a condição do imaginário. O estranhamento implica o desvio do habitual, a libertação intencional do aprisionamento em ideias usuais. (Bajour, 2023, p. 37).

Assim, estar em parceria provoca o enredamento de múltiplos olhares e isso amplia as possibilidades no fazer/lidar com o outro, traz a imensidão que o estranhamento pode oferecer. Sob essa ótica, iniciamos os primeiros encontros do Clube com a observação atenta e a escuta acolhedora do professor-mediador, compreendido por nós, professoras e pesquisadoras, como aquele que se projeta em direção ao outro, que anseia por vê-lo de incontáveis ângulos, que o deseja como parceiro de linguagem. Depois de inúmeras atividades de sensibilização para o poético, as quais serão descritas minuciosamente nesse trabalho, os adolescentes discutem sobre quais temáticas gostariam de se debruçar. Elas são apresentadas aos estudantes e estes vivenciam a prática de escuta, pois, ouvindo-se, eles discordam, concordam, acordam, ajustam e selecionam quais temas farão parte do seu caminho enquanto leitores. Cecília Bajour (2012) atenta para essa necessidade de silenciar e nós a corroboramos na prática com alunos, pois entendemos que, antes mesmo de falar, eles precisam escutar: a si mesmos e aos outros.

Essa prática, embora utilizada diversas vezes na sala de aula, requer um cuidado especial: é preciso aprender, no coletivo, a negociar. Para negociar, escuta-se. Só depois, a escolha surge e, ao acontecer a escolha, acontece, também, o ato da leitura, porque “o ato da leitura consiste em grande medida na conversa sobre o [...] que lemos” (Chambers, 2007, apud Bajour, 2012, p. 22). A partilha do que lemos, nesse caso, desde a escolha das temáticas, exige um *estar ali* muito significativo, porque, para negociar os temas, cada um precisa dizer os seus porquês e, para chegar a um senso comum, é fundamental que se converse sobre o que encontraram nesse leque de assuntos.

Acreditamos acontecer, dessa forma, a construção de significados, ainda que não estejam, muitas vezes, claros o suficiente para que os próprios envolvidos possam compreendê-los. É exatamente o que entendemos como processo: ele é, sempre, movimento, ação e construção, pois “construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição

fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual” (Bajour, 2012, p. 25).

É justamente por acreditar nessa “inconclusão” que iniciamos a longa jornada da escrita sensível dessa tese sobre o fazer poético de um grupo de adolescentes, a partir da experiência da vocalização, ou seja, sobre um corpo totalmente em linguagem. Entretanto, é importante, antes, que voltemos às raízes, porque toda pesquisa requer um pesquisador, e este busca, na sua íntima escuta, as suas razões para escrever.

A pesquisa me invadiu por muito tempo, até que exigiu de mim o *movimento*. Esse mover-se está ligado à oportunidade de refletir sobre determinado querer, porque pesquisar é um querer encontrar: pessoas, livros, teorias, saberes, discordâncias, indícios e sentidos. A caminhada para o encontro foi compondo-se durante muitos anos e várias etapas de reflexão e de *eus* distintos, já que, para cada fase de estudos, havia uma pesquisadora mais ou menos habilidosa no estar com os alunos, no escutá-los, no silenciar, no propor, no mediar.

É interesse, porém, ir ao encontro dos inícios. Fazer parte de uma numerosa família de sete irmãos, de pais semianalfabetos e de pouco ou nenhum acesso a livros é o começo de tudo (de onde poderia não emergir grandes descobertas em relação à leitura). A primeira oportunidade foi a de estudar, o que, para os irmãos mais velhos, não aconteceu. A escola pública muito organizada em uma pequena e pacata cidade do interior do Rio Grande do Sul transformou o caminho do que poderia vir a ser uma pesquisa, quando me trouxe a chance de poder ler: as letras, os olhares daquela alfabetizadora, os livros do escasso acervo da biblioteca, enfim: ler o mundo, já que as memórias guardadas desta professora sempre envolvem livros em suas mãos. Sorte a minha, pois, segundo Wolf (2019, p. 10):

O que lemos, como lemos e por que lemos são fatores de mudanças do modo como pensamos, mudanças essas que prosseguem atualmente num ritmo mais rápido. No curso de apenas seis milênios, a leitura se tornou o fator catalisador de transformação do desenvolvimento nos indivíduos e nas culturas letradas. A qualidade de nossa leitura não é somente um índice da qualidade de nosso pensamento, é o melhor meio que conhecemos para abrir novos caminhos na evolução cerebral de nossa espécie. Há muito em jogo no desenvolvimento do cérebro leitor e nas rápidas mudanças que caracterizam atualmente suas sucessivas evoluções.

Foi desse começo com as palavras, com a escuta das tantas aventuras contadas por aquele corpo feminino, que se iniciava, então, uma história diferente na família. Diferente, porque foi a leitura e o modo como ela foi transformando-se ao longo dos anos, que me trouxe o desejo pela pesquisa. Ao concluir o Ensino Fundamental, a segunda oportunidade: a de estudar no Curso Normal por quatro anos e tornar-me professora. Ali, naquele espaço ainda da mesma instituição pública, encontrei os melhores professores, os que trouxeram não só



conhecimento, mas que foram além: mostraram caminhos possíveis para uma educação tão fragilizada em meados dos anos 90.

Estudos, leituras, estágios: um mundo novo abria-se, ao pisar na sala de aula, tanto quanto aluna, quanto como professora estagiária. Mais uma vez, a leitura me acompanhava: na construção dos planejamentos, na busca por teorias sobre educação, leitura e infância, na escolha dos livros infantis e juvenis que iriam comigo até as salas de aulas. Se eu fora ouvinte de boas histórias, elas me acompanhariam nessa edificação de pontes entre mim e os alunos, pois a escolha profissional nascia, ao mesmo tempo em que a leitora se tornava cada vez mais voraz.

Já no segundo semestre de 2005, entregava a primeira tentativa de olhar para esse agir da escola *com e na* literatura, em uma monografia que atentou para a apresentação de textos a alunos da Educação Infantil intitulada *Hora do conto: muito prazer literatura* (Baracy, 2005).<sup>1</sup> À época, trabalhava como contadora de histórias na Biblioteca Infantil de uma instituição privada, Colégio Mauá, e ali, naquele lugar de tanta escuta – ou não –, a inquietação tomou conta da aluna do curso de Letras. Vale salientar, ainda, que foram anos de muita leitura de livros infantis e juvenis, pois, como contadora de histórias – ou mediadora entre palavras e pequenos leitores –, eu precisava ler, reler, sentir todos aqueles textos os quais eram, no momento de as turmas irem à biblioteca, entregues por mim aos olhos que, atentos, assistiam.

Transcorridos alguns anos, com a docência no Ensino Fundamental na mesma instituição, fazendo parte do meu dia a dia, algo, novamente, em 2010, inquietou-me e trouxe-me à universidade pela segunda vez, para o Mestrado. Nascia, então, uma nova pergunta: como aprimorar a iniciativa escolar que tinha como objetivo a escritura de poemas por alunos de quintos anos do Ensino Fundamental?

A pesquisa estava atenta para um projeto de vários anos, pensado, em um primeiro momento, por mim e compartilhado e aceito pelos colegas que trabalhavam comigo. A ideia rendeu diversas publicações, uma obra por ano, que reunia escritas inéditas de alunos, entre elas cartas, narrativas, quadrinha, verbetes poéticos e poemas. Anos depois, de forma mais profissional, os livros receberam ISBN e uma roupagem gráfica. Atualmente, o projeto permanece vivo na escola, embora eu não esteja mais entre os profissionais que lecionam nos quintos anos. Assim, sempre com grupos diferentes de professores, os quais, a seu modo, modificam e atualizam as propostas, o livro é continuamente enriquecido com outras ideias e outros motivos para (r)existir.

---

<sup>1</sup> Disponível na Biblioteca Central da Universidade de Santa Cruz do Sul, número de chamada: MG 808.543 B223h 2005, material físico.

Em fevereiro de 2012, a partir dessa iniciativa na escola, depois de dois anos de estudo, defendi a dissertação do Mestrado sob o título *Texto poético, imaginação e criatividade: uma proposta de trabalho lúdico com poemas em sala de aula* (Netto, 2012).<sup>2</sup> Nessa experiência, a voz registrada no texto era a da professora-mediadora que estava ligada diretamente às crianças, à sala de aula e à leitura. A mesma mediadora que já pensava, à luz de Bachelard, o significado de ressonância, processo pelo qual o leitor passa ao ouvir ou ler um poema, e repercussão, a apropriação do poema por esse leitor ou ouvinte.

Assim, “a imagem poética toma conta, invade, inunda. Atinge o que há de mais profundo no ser antes mesmo que este deixe transparecer a emoção. A imagem oferecida pelo poema torna-se única e exclusivamente do leitor.” (Netto, 2012, p. 17). Logo, é essa reação ímpar de quem acolhe um poema que me moveu para a universidade naquele ano e, novamente, para o Doutorado. Eu que, agora, mais de dez anos depois, percebo com mais nitidez que as repercussões de meus alunos a partir de um poema podem ser ainda mais potentes, quando me proponho a mediar, a ser ponte entre eles e o texto.

Voltar-me a esses fenômenos foi fundamental para as pesquisas que desenvolvi e as práticas que propus ao longo dos anos. Porém, é preciso registrar que envolver-me com a mediação sempre foi um ato de coragem, tanto dentro da sala de aula, ministrando larga grade de conteúdos de Língua Portuguesa, quanto nas situações fora dela, quando foi preciso encarar a realidade pouco flexível das agendas escolares. Entretanto, como em “efeito dominó”, a minha coragem encorajou muitos estudantes, ao longo do caminho, e isso, intencionalmente ou não, permaneceu no coração, pois

a palavra coragem tem a mesma raiz que a palavra francesa *coeur*, que significa “coração”. Assim como o coração irriga braços, pernas e cérebro fazendo funcionar todos os outros órgãos, a coragem torna possíveis todas as virtudes psicológicas. Sem ela os outros valores fenecem, transformando-se em arremedo da virtude. [...] A coragem é necessária para que o homem possa ser e vir a ser. Para que o eu seja é preciso afirmá-lo e comprometer-se. (May, 1982, p. 11).

As experiências que tentei, desde a graduação, entregar aos alunos, seja a criança do quinto ano ou o adolescente que está prestes a encerrar o Ensino Fundamental, são as mesmas que são devolvidas a mim, no final dos projetos, por outros seres, já diferentes dos que iniciaram, porque viver em linguagem é fazer crescer a coragem, pouco a pouco, e dela, poder ser e vir a ser o que desejar.

---

<sup>2</sup> Dissertação disponível em: <http://repositorio.unisc.br:8080/jspui/handle/11624/398>.

De 2012 a 2016, dediquei-me a diversas iniciativas na escola com alunos de diferentes níveis, constantemente refletindo sobre *o que ler, por que ler e como ler* com os estudantes. Em 2017, através do convite da professora Ângela Cogo Fronckowiak, a qual buscava a parceria de seus ex-alunos, que trabalhavam nas escolas da região, para, como ramificações do grupo Estudos Poéticos: Educação e Linguagem, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) nos educandários, proporem atividades de vocalização de poemas, iniciei, com outras colegas, o Clube da Poesia. O projeto *Encontros com a poesia*<sup>3</sup>, uma das atividades de extensão do grupo já citado, tem uma trajetória de 20 anos e atualmente foi repaginado a partir do *A poesia encontra a UNISC e a Educação Básica*. Os momentos poéticos ocorrem na UNISC, gratuitamente, são abertos à comunidade acadêmica e ao público em geral, e convidam a comunidade a acompanhar a mediação promovida por uma escola ou coletivo de leitura, através da qual leem, vocalizam e performatizam textos literários, selecionados por temáticas. Estas que são organizadas pelos professores-pesquisadores e bolsistas e oferecidas aos parceiros de projeto.

A sinergia entre a universidade e a escola tornou-se imprescindível, já que os educadores que estudam – ou estudaram – nas salas de aula da UNISC são os professores que, na prática, tentam desbravar espaços significativos e incentivadores para a literatura, ou seja, há uma importante escuta de ambos. Além disso, fica evidente que existem pressupostos que, se não fossem pactuados entre a coordenação do Encontros e os grupos que vão à UNISC, os momentos de partilha coletiva não aconteceriam. Esse pacto é o que transforma a “apresentação” em um *agora* único, porque cada escola leva suas singularidades e tem total autonomia e protagonismo. O *agora* oferecido no palco é sempre surpresa, justamente porque não existem regras preestabelecidas pela coordenação ou etapas a serem cumpridas durante a mediação, nas escolas, por exemplo. Quem se vincula tem autoria. Quem se vincula é parceiro e tem total confiança para desenvolver iniciativas totalmente autorais.

A escolha pelo último ano do Ensino Fundamental tem relação com o fato de que ministro aulas de Língua Portuguesa há quase vinte anos e sempre refleti sobre o vazio deixado em relação à leitura de poemas com essa faixa etária. Falas como “Não gosto”, “Não leio poesia”, “É coisa de menina apaixonada” eram (e são) muito comuns entre esse público, o que me acendeu o desejo de enfrentar esse enigma e compreender o que acontecia nesse não-acontecer entre adolescentes e poemas.

---

<sup>3</sup> Maiores informações disponíveis no site da UNISC, em: <https://www.unisc.br/site/poesia/index.html>.

Depois de três anos de projeto, em 2020, entretanto, a pandemia do Covid-19 impôs muitos questionamentos ao mundo e, em especial, ao professor. As aulas tornaram-se via tela de diversos aparelhos eletrônicos, a agenda escolar invadiu as casas e, de certa forma, a leitura ganhou nova roupagem, porque faltava, para a mediação, o olho no olho, o toque no livro, a palavra dita em segredo ao aluno-leitor, enfim, faltava um corpo em linguagem. Esse corpo escondia-se com a câmera fechada, com áudio silenciado, com um fazer que não transparecia apenas o que se sentia em relação à aula de Língua Portuguesa, mas em relação ao mundo complexo e turbulento, visto pelas janelas, em plena adolescência.

As questões relacionadas à forma como se lê, hoje, e, obviamente, depois de viver o adolescer enclausurado, são evidentes preocupações entre os professores, já que lhes inquieta o que permanecerá enquanto leitura na vida desses jovens. Depois de tudo, o que das leituras estará emaranhado nas memórias e no corpo desses alunos? Conforme Wolf (2019, p. 10), provavelmente,

a qualidade da atenção mudou à medida que lê mais e mais em telas e recursos digitais. Provavelmente, você sentiu uma sensação aflitiva de que alguma coisa sutil está faltando ao tentar mergulhar num livro de que já gostou. Como um membro fantasma, você se lembra de quem era enquanto leitor, mas não consegue convocar aquele “fantasma atento” com a mesma alegria que sentia outrora, ao ser transportado de um lugar fora de você para aquele espaço íntimo. As crianças têm ainda mais dificuldade, porque sua atenção é continuamente distraída e inundada por estímulos que não chegarão nunca a consolidar-se em seus repositórios de conhecimentos. Isso significa que o próprio fundamento de sua capacidade para derivar analogias e inferências durante a leitura será cada vez menos desenvolvido. Os jovens cérebros leitores estão mudando sem que a maioria das pessoas se incomode, muito embora mais e mais dos nossos jovens leiam apenas aquilo que lhes é exigido, e muitas vezes nem mesmo isso.

Não só porque vivemos uma pandemia que assolou o mundo, mas porque a leitura me veste há muito tempo, no ano de 2021, uma nova inquietação fez com que eu desejasse o estudo, a teoria, o Doutorado: compreender, de maneira aprofundada, à luz de teorias, os processos entrelaçados no Clube da Poesia.

Assim, de teorias, de práticas e de ideias fez-se o que chamaremos aqui de agir poético<sup>4</sup> com a voz dos adolescentes, os quais, afinal, têm tanto a nos dizer e a nos fazer pensar. Nosso mais importante desejo é o de oferecer a esses alunos experiências que contemplem, em linguagem, a força do agir na vocalização de textos poéticos. Como Zumthor (1993), compreendemos a voz humana como fenômeno central de todas as culturas. Consoante ao autor, propusemos na escola um lugar de movimento e de encontro: com o texto, com o outro e com

---

<sup>4</sup> A expressão “agir poético” refere-se, neste texto, a todo movimento experienciado pelo grupo envolvido na mediação em leitura no Clube da Poesia. Assim, estar junto, falar, trocar, escutar, silenciar, tocar, sentir, performar, vocalizar... são alguns dos agires que constituem esse fazer em linguagem.

eles mesmos, a partir da sua voz misturada à voz encontrada no texto, até então, sem vez e sem som.

A cada ano, assim, um novo grupo de alunos participa e constrói – ele mesmo – toda a estrutura dos encontros, desde a escolha da(s) temática(s) de sua preferência até a performance do texto para a noite de apresentação<sup>5</sup> no palco na UNISC. É valioso registrar, ainda, que a atividade não integra nenhum tipo de avaliação da disciplina de Língua Portuguesa, é um projeto totalmente voluntário e desenvolvido no contraturno das aulas da grade curricular. Nessa organização, o Clube da Poesia se consolidou na escola e, a partir de 2019 – último grupo que compôs o projeto antes da pandemia – tornou-se um “clube” da escola, entretanto, o único não pago pelos alunos. A instituição compreende que essa é uma atividade a qual o aluno precisa experienciar e, somente depois desse “sentir”, consegue compreender o valor que ele tem para seu próprio crescimento.

Essa experiência é diferente, porém, de outros clubes ou departamentos, pois o esporte, por exemplo, faz parte do cotidiano escolar; o Clube de Teatro é experiência também nas aulas de Artes, o de Música, das aulas curriculares de Música. Embora o texto poético, a vocalização e a literatura façam, obviamente, parte da disciplina de Língua Portuguesa, o dinamismo minucioso torna-se mais concreto no Clube da Poesia, espaço onde um grupo de alunos, com afinidade aguçada devido à rotina dos encontros, compartilha ideias e sensações de maneira mais próxima, dedica-se somente a esse momento, o que, de fato, é diferente de uma “aula” de Português, seguida de mais cinco períodos com outras disciplinas no mesmo turno<sup>6</sup>.

Encontrar o espaço para o Clube da Poesia é um feito bastante relevante, porque estamos nos referindo, como já apresentado anteriormente, a uma escola que visa, entre outros aspectos, à obtenção de resultados satisfatórios em concursos de vestibular e do Enem. Dessa forma, a continuação desse projeto e o seu fortalecimento exigem, além do que já é planejado e desenvolvido, uma extensa e intensa compreensão da importância dele no cenário em que se encontra. Assim, compreender o valor da escuta, o olhar para o agir poético, o lugar da voz do corpo adolescente é de extrema relevância, para que raízes de leituras ainda mais profundas possam se estabelecer.

Outro ponto a ser salientado é o quanto a volta às cadeiras da universidade proporcionaram-me a renovação do repertório de leituras, pois, através das diversas disciplinas

---

<sup>5</sup> Usaremos o termo “apresentação” no sentido de oferecer a um público a amostra do que os alunos planejaram durante meses de encontros. *Apresentar*, nesta pesquisa, significa *compartilhar*.

<sup>6</sup> Na estrutura de horários da escola, em três manhãs da semana, os alunos têm aulas até 12h 45min, contabilizando seis períodos no turno.

realizadas durante o curso, artigos foram escritos, atividades envolvendo a leitura foram desenvolvidas, trabalhos foram apresentados em diversos eventos<sup>7</sup>, ou seja, novamente, a leitura foi ressignificada para quem, há anos, já pensava em mediação. Essa busca por mais percepções sobre leitura modificam a maneira como os textos chegam aos adolescentes, como são apresentados, manejados, percebidos, lidos, até que, finalmente, estejam no corpo dos alunos e, assim, ganhem novos e novos sentidos, porque a “leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros” (Chartier, 1994, p. 16).

Dessa forma, a pesquisa na área de mediação em leitura, principalmente após o momento vivido, a partir da pandemia do Covid-19, torna-se imprescindível, dada a sua relevância para a compreensão da complexidade daquilo que pode vir a acontecer, quando alunos do Nono Ano do Ensino Fundamental têm acesso e envolvimento com o texto poético, através de uma potente mediação. Pensando sobre isso e, levando em consideração toda a minha caminhada de estudos relacionados à leitura e à literatura, voltar à universidade e buscar entender os processos que emergem da mediação em leitura no Clube da Poesia é importante e inovador no meio acadêmico, já que ele é, ao mesmo tempo, escuta, silêncio e potência da linguagem, dialogando com outros que também estiveram e estão dispostos à escuta, ao silêncio e a suportar a força da linguagem.

Isso ocorre pelo fato de que as pesquisas em mediação, em sua maioria, estão direcionadas a estudos sobre obras literárias, sobre a recepção do texto pelo leitor, as maneiras como a literatura enfrenta o problema da falta de espaço nos ambientes educacionais, enfim, há muitos estudos – necessários, obviamente – sobre leitura, sobre livros e sobre sujeitos. Entretanto, olhar para um Clube, dentro de uma instituição privada, que busca por índices cognitivos notórios, e perceber que ali, naquele espaço e naquele tempo, existem, além da leitura, silêncios, escutas e encontros fundamentais para a mediação, motivou o meu olhar para debruçar-se nesse trabalho.

Além disso, a própria profissão, a qual exige leitura, envolvimento com literatura, seleção de obras e pesquisa, impôs, também, um passo mais corajoso: a minha imersão total na iniciativa de ter, na escola, encontros entre alunos e palavra, no Clube da Poesia. Enquanto mediadora, os desafios são vários, em todos os anos, porque buscamos, como mediadoras, o olhar encorajador, a organização dos encontros na mais fina democracia de ideias e vontades, e

---

<sup>7</sup> Todas as atividades citadas compõem o currículo Lattes, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2287375514807836>.

o esforço na procura por teorias que permitam o aprimoramento do projeto dentro da escola, na qual já conquistou um espaço inesperado e a atenção dos gestores.

Nesse sentido, visando à permanência do Clube e a sua reconfiguração ano após ano, essa pesquisa contribui para a reflexão sobre leitura, sobre mediação, sobre a relação do adolescente com o fazer poético, sobre o seu corpo em linguagem, ou seja, sobre os *acontecimentos* que invadem esse espaço-tempo de estar com o outro. Ademais, é válido ressaltar, ainda, a intrínseca relação que vem a existir entre o leitor e a palavra, e entre esta e o corpo, porque são pontos importantes dentro da educação. Socialmente, esse estudo motiva outras iniciativas relacionadas à mediação em leitura nas escolas públicas e privadas, o que, já é evidente, por exemplo, nas práticas propostas pelo Grupo de Pesquisa Estudos Poéticos: Educação e Linguagem, ao participar de formações pedagógicas, levando aos educadores momentos de experiência com o sensível ou oferecer a alunos de Ensino Fundamental e Médio conversas sobre leitura, livros e contação de histórias voltados à sensibilidade do fazer poético. Essas práticas são, de fato, essenciais, pois precisamos de mais e mais professores e estudantes engajados nessa partilha de motivos que fazem nossa vontade de estar junto e o nosso fazer valiosos.

Para mais, é preciso lembrarmos como esses adolescentes iniciaram o ano letivo de 2022, após dois anos de isolamento em suas casas, ou na escola, com pequenos grupos, o uso de máscara obrigatório e as relações sociais distantes e superficiais. Quando esses mesmos alunos encontram-se, dispostos a compartilhar suas emoções, suas palavras, dores, angústias, existe o que chamamos nesse estudo de *acontecimento*. Ele tem transformado as tardes de segundas-feiras em encontros entre vozes, muitas e diversas e estranhas vozes, que se complementam, corpos que se protegem, ao mesmo tempo em que se olham.

O acontecimento que é o Clube da Poesia merece ser contemplado, estudado, teorizado e, depois, compartilhado, a fim de que outros leitores possam experimentar um clube em qualquer espaço e em qualquer momento. Desejamos, enquanto pesquisadoras, encorajar, potentes mediadores em leitura, os quais estejam abertos, sejam democráticos à palavra, queiram sentir seus corpos em linguagem, seus olhos atentos e prontos para silenciarem nessa mediação. É nisso que acreditamos enquanto mediadoras e é por eles, os alunos, que quatro anos foram dedicados à leitura, ao encontro, ao conhecimento, enfim, à exploração da floresta<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> O termo “floresta” nos foi apresentado com a leitura da obra *Buscar indícios, construir sentidos*, de Graciela Montes. Ao usá-lo, compreendemos que a escola, na qual o Clube da Poesia nasce e se constrói ano a ano, é a nossa floresta, o espaço repleto de enigmas a serem desvendados, espaço que não deveria ser domesticado, mas explorado.

que é estar em linguagem com adolescentes. Encantadas com esta iniciativa, desejamos ardentemente que outros se encantem e, ao se encantarem, estejam prontos para conhecer sua própria floresta, porque não existem duas florestas iguais, nem duas mediadoras iguais. Propor mediação é propor a si mesmo a caminhada com passos desconfortáveis e, às vezes, sob neblina.

Já conhecendo o nosso desejo de entrar na floresta, os próximos passos dessa pesquisa estão organizados em três principais: 1) a apresentação da trilha que escolhemos para compor os planejamentos de cada encontro do Clube da Poesia de 2022, intitulada *Das oportunidades*; a qual trouxe-nos um pouco mais de segurança e de despreocupação com o que não sabíamos, com o que não planejamos e com o temido enigma; 2) a discussão do método e da teoria escolhidos para o estudo: a fenomenologia, a mediação e a vocalização sob o título *Dos caminhos*; e 3) a descrição minuciosa dos encontros com os alunos do Clube da Poesia entre os meses de março e dezembro de 2022, com o título *Dos encontros*.

Embora fuja, talvez, do que normalmente é proposto em textos acadêmicos, o capítulo três, “Dos encontros”, exigiu de nós, mediadoras, uma escrita detalhada, porque a nossa escuta, nosso silêncio e nosso olhar foram atentos em demasia para o *acontecimento*. Assim, acolher, como nos propusemos, os momentos experienciados, demandou o cuidado extremo com as descrições. Como forma de encerrar (ou continuar) esse texto, a parte “Considerações possíveis (ou o que encontramos na floresta até aqui)” apresenta discussões sobre os questionamentos que emergiram a partir do vivido no Clube da Poesia e possibilidades que encontramos durante a caminhada, para oferecer a potência da mediação em leitura no espaço escolar. Seguimos, assim, entre monólogos e diálogos, a inventar outros caminhos.



## 6 TATUAGENS (ou o que não sai do meu corpo)

### *Tatuagem*

*1 arte de gravar, na pele, através de pigmentos coloridos, desenhos, símbolos, etc.*

*2 qualquer marca ou desenho feito por esse processo*

*3 sinal, marca, cicatriz*

*4 o que o Clube da Poesia registrou na pele*

Essa pesquisa, que me é tão cara, precisou se deter a apenas um ano de projeto do Clube da Poesia, o de 2022. Para isso, foi exigido de mim o foco necessário para dar conta de, obviamente, um recorte, do que propomos há anos, sempre de formas diferentes. Entretanto, como pequenas tatuagens, registro aqui o que o encontro com outros deixou desenhado no meu corpo. Gostaria de compartilhar essas breves narrativas, porque, se algum dia esse trabalho estiver nas mãos de alguém desejando ser mediador, ficarei feliz em saber que os seus olhos chegaram até aqui. Como os meus chegam agora.

1. Um estudante que participou do Clube de 2017, primeiro ano de projeto na escola, fez um vídeo cinco anos depois, a nosso pedido, relatando o que significou estar no Clube, como um veterano falando para o grupo que acabava de conhecer o Clube. O menino, que estudava no exterior à época, disse que, mesmo estando longe da escola e tendo muitas experiências, nada se comparou ao que viveu naquele espaço de encontro. O menino, agora homem, fez do Clube o seu lugar.
2. Em 2018, um aluno com a Síndrome de Asperger (nomenclatura utilizada na época) se inscreveu no Clube. Surpresas, nós abraçamos o enigma e oferecemos a ele o encontro. Esse menino não faltou um dia sequer e, na noite da apresentação, suas mãos envolveram-se com o banco de madeira que ele havia escolhido como objeto para a vocalização. Palavra por palavra foi dita, enquanto todos que o conheciam, incrédulos, se emocionaram.
3. Em 2023, quando nos encontramos com as palavras limpas e sujas, através do poema de Viviane Mosé, os alunos escreveram suas palavras sujas em pequenos tecidos e em grandes baldes com água, esfregavam-nas, dizendo, enquanto isso acontecia, por que eram tão sujas. Quando a palavra estava quase sumindo, borrada no pano, o tecido era enterrado em um vaso com terra. Nessa atividade, houve choro e comoção. Cena que ficou em mim.

4. Em 2024, um aluno com Síndrome do Espectro Autista severo desejou o Clube. Mais, desejou, ainda, vocalizar um poema escrito por ele e pela avó. A relação dos dois era íntima demais, intensa demais. Foi o primeiro ano que tivemos uma convidada especial, a qual participou de encontros e de ensaios. No dia da apresentação, porém, a avó sentiu-se mal e foi hospitalizada. Quando soube da notícia, o aluno nos contou e disse que precisava pedalar para organizar as ideias. Foram mais de 30 minutos andando de bicicleta no pátio da UNISC. Ao voltar, disse que tinha processado a nova situação. Modificamos com ele toda a organização planejada há meses e sabíamos o quanto o imprevisto impactava-o negativamente. Tudo pronto e esquematizado. Meia hora antes do início da apresentação, a avó entra pela porta do auditório. Ele e a vó, contra todas as expectativas sobre ser meticoloso no Autismo, subiram ao palco e emocionaram o público.
5. Na seleção de textos de 2023, percebi uma menina aos prantos com o texto em mãos. Dei tempo e espaço para que ela conseguisse organizar suas emoções. Quando foi possível, aproximei-me e perguntei se ela gostaria de falar ou de silenciar. Preferiu o silêncio. Na semana seguinte, a mesma cena. Descobrimos que o poema era sobre a despedida do “melhor companheiro”, o avô, e que esta aluna havia perdido seu avô durante a pandemia. Mesmo entre lágrimas por diversas semanas, ela não quis desistir do poema. Na noite de apresentação, corajosamente segurando um porta-retrato com a foto do avô, a aluna provocou choro não só em seus familiares presentes, como também na plateia inteira, a qual não tinha conhecimento sobre o acontecido.
6. No grupo de 2024, uma aluna ficou responsável por contar ao público, no final da noite na UNISC, o “que ficava do Clube” neles. A forma como narrou, em tom de conversa com a plateia, foi o que de mais fenomenológico eu ouvi de um adolescente. Entre tantas palavras, eis que surge:

*“Tudo começou quando recebemos um convite misterioso, sem muitos detalhes. Era um passo no escuro, arriscamos. E com certeza, foi um caminho sem volta. Acho que a maioria de nós pensava que era só um grupo pra ler e escrever alguns poemas, mas nossa! O clube da poesia superou MUITO as nossas expectativas. No primeiro encontro, foi uma sensação indescritível. Ninguém sabia o que estava acontecendo, foram colocadas vendas em nossos olhos e fomos levados pra um lugar desconhecido. Nesse lugar, tinha um pano bem grande escrito CORAGEM. E é essa coragem que vem crescendo cada vez mais em nós durante esse ano.*

*Coragem pra se juntar a um grupo desconhecido, com pessoas que mal conhecíamos e abrir nossos corações. Coragem pra escrever e vocalizar nossas poesias e coragem pra estar aqui hoje. Coragem essa, que com certeza vamos carregar pro resto das nossas vidas. O clube da poesia se tornou um lugar de conforto pra todos nós. Ninguém aqui é igual. Na verdade somos muito diferentes. Mas entre nós se construiu um laço de confiança muito forte. É um lugar onde podemos expressar o que sentimos sem medo ser julgado. Onde há apoio mútuo e muita diversão também. E isso só foi possível porque aqui somos livres. Nós que tomamos as decisões. E isso é algo que faz muita falta, na verdade. Muitas vezes, na sala de aula, em casa, sempre tem alguém nos dizendo o que fazer, como fazer, quando fazer. Aqui não. Aqui, são apenas nossos sentimentos fluindo sem delimitações. E com certeza, viver essa experiência é algo que vai ficar pra sempre em nossos corações.”*

7. No Colégio Mauá, existe, há muitos anos, a publicação de uma Revista. Os espaços nela são extremamente concorridos e a grande maioria das imagens e dos textos tem ligação com a Educação Infantil, ou com vitórias do esporte, ou com o Dançarte. Porém, de 2017 até 2024, em algumas edições – são duas no ano – conquistamos o nosso espaço! Em 2022, porém, por termos adiado o nosso dia, em dezembro, a revista já estava impressa e não tivemos essa oportunidade.

Figura 75 - Ano 2024



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 76 - Ano 2023



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 77 - Ano 2021<sup>46</sup>

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 78 - Ano: 2017



Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>46</sup> O Clube da Poesia de 2019 fez o evento on-line, junto ao projeto Dançarte da escola.

8. Na escola, os alunos que ganham medalhas nos mais diversos campeonatos de esporte, são chamados até a Sala dos Professores, no Prédio Principal, para que sejam parabenizados pelas vitórias. Em 2024, nós decidimos procurar a equipe diretiva e, argumentando, solicitar que os alunos do Clube da Poesia, depois da sua apresentação na UNISC, por representar belamente a instituição, também fossem chamados e aplaudidos. A Direção concordou e, em 2024, o Clube adentrou a sala e foi enaltecido.
9. Quando li os textos das parceiras de Clube da Poesia, relatando o que significa para elas essa iniciativa, as minhas tatuagens ganharam outros traços. Aqueles que finalizam uma obra de arte para torná-la inesquecível, memorável. As palavras que elas selecionaram estão registradas, na íntegra, nos Apêndices E, F, G).



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera. (Org.); ASSUMPÇÃO, Simone. **Poesia fora da estante**. Porto Alegre: Projeto, 2010.
- ARRUDA, Eunice. Mágoa. In: FARIA, Álvaro Alves de; MOISÉS, Carlos Felipe (Orgs.). **Antologia poética da geração 60**. São Paulo: NAnkin, 2000.
- BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAJOUR, Cecília. **Cartografia dos encontros**: Literatura, silêncio e mediação. Tradução de Cícero Oliveira. São Paulo: Selo Emília: 2023.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BARACY, Agda Machado. Hora do conto: muito prazer literatura. (Monografia de conclusão Curso de Letras). Santa Cruz do Sul, 2005. Disponível na Biblioteca Central da Universidade de Santa Cruz do Sul, número de chamada: MG 808.543 B223h 2005, material físico.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber Livro, 2004.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Tradução de Mário Laranja. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Pesquisa qualitativa: significados e a razão que a sustenta. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 7-26, 2005. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/rpq/issue/view/2>>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- BUARQUE, Chico. Mar e lua. Intérprete: Chico Buarque. In: \_\_\_\_\_ Vida. São Paulo: Universal Music. 1980. 1CD. Faixa 2.
- CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1994.
- COLASANTI, Marina. Na casa de Elizabeth Bishop. In: **Rota de colisão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Tradução de José Marcos Macedo. Em: Folha de São Paulo, Caderno Mais! de 27 de junho de 1999.

DOMINGO; José Contreras; FERRÉ, Nuria Pérez de Lara (Comps.). **Investigar la experiencia educativa**. Madrid: Morata, 2010.

DONATO NAIVA, Francisco. **Bela mocidade**. Intérprete: Maria Bethânia. In: BETHÂNIA, Maria. Imitação da vida. São Paulo: EMI, 1997. 1CD. Faixa 7. v.1.

FERNANDES, Tata; ALBUQUERQUE, Kléber. Por onde? Intérprete: Kléber Albuquerque e Rubi. In: ALBUQUERQUE, Kléber. O centro está em todas as partes. Tratore, 2003. 1CD. Faixa 10.

FIGUEIREDO, Flora. Falha nossa. In: **Calçada de verão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FILHO, Francisco Gregório. **Oralidade, afeto e cidadania**. In: YUNES, Eliana. (Org.) **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

FRONCKOWIAK, Ângela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Educar para ler desde a infância: o valor poético da vocalidade e da imaginação. **Revista ETD - Educação Temática Digital**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 157-176, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

FRONCKOWIAK, Ângela. **Com a palavra a palavra: escutar crianças e adultos em convívio poético**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

FRONCKOWIAK, Ângela; PINTO, Ádria Grazielle. Poéticas da voz no compartilhamento do gênero dramático: Shakespeare em sala de aula. Em: CARDOSO, Rosane Maria; GABRIEL, Rosângela; GUIMARÃES, Rafael Eisinger; LEBLER, Cristiane Dall’Cortivo; SOSTER, Demétrio de Azevedo (Org.). **Tendências contemporâneas na pesquisa em literatura**. São Paulo: Pontes, 2019.

GADAMER, Hans-Georg. **La educación es educar-se**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2000.

GARCÉS, Marina. **Escuela de aprendices**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2020.

GARCIA LORCA, Federico. Gazel da morte sombria. In: **Antologia poética**. Tradução de William Agel de Mello. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GONZAGA Jr., Luiz. Sangrando. Intérprete: Selma Reis. In: REIS, Selma. Achados e perdidos. Rio de Janeiro: Velas, 1996. 1CD. Faixa 2.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.

KOHAN, Walter Omar (Org.) **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.



LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In: Revista Brasileira de Educação. Anped. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 21 out. 2024.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O sujeito da educação**. Estudos Foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi e Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LAZZARETI, Angelene; SPRITZER, Mirna. **O corpo-voz entre**. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 28, p. 221-231, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101282017221>. Acesso em: 4 fev. 2025.

LEMINSKI, Paulo. **Catatau**. São Paulo: Iluminuras, 2012.

LIMA, Vera Lúcia Roca de Souza. A formação de repertório de leituras. In: YUNES, Eliana. (Org.) **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

MAY, Rollo. **A coragem de criar**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MENDES, Murilo. Manhã. In: **Os quatro elementos: Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MENDES, Murilo. Noite carioca. In: \_\_\_\_\_. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MIRADAS. E-Book do Programa Território do Brincar. São Paulo, 2019. Disponível em: <[https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/publicac%CC%A7a%CC%83o\\_territo%CC%81rio\\_pg\\_dupla\\_06-1.pdf](https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/publicac%CC%A7a%CC%83o_territo%CC%81rio_pg_dupla_06-1.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2021.

MONTES, Graciela. **Buscar indícios, construir sentidos**. Tradução de Cícero Oliveira. Salvador: Selo Emília e Solisluna, 2020.

MORAES, Vinícius de. Poema de natal. In: MORICONI, Ítalo (Org.). **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOSÉ, Viviane. **Toda palavra**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MUNITA, Felipe. **Eu, mediador(a):** mediação e formação de leitores. São Paulo: Selo Emilia, 2024.

NEJAR. Carlos. Multidão. In: **Breve história do mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

NETTO, Agda Baracy. Texto poético, imaginação e criatividade: uma proposta de trabalho lúdico com poemas em sala de aula. (Dissertação de Mestrado) Santa Cruz do Sul, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unisc.br:8080/jspui/handle/11624/398>

ORLANDI, Eni Pucinelli. **As formas do silêncio**: No movimento dos sentidos. Campinas: UNICAMP, 2007.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. Tradução de Sebastião Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PAVEL, Thomas. **Comment écouter la littérature**. Paris: Collège de France, 2006.

PELICORI, Ingrid. In: ALDABURU, Maria; BANEGAS, Cristina; HERRERO Liliana; PELICORI, Ingrid; SCHVARTZ, Claudia. **Caligrafia de la voz**. Buenos Aires: Editora Leviatán, 2007.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: 34, 2010.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: 34, 2009.

RICHTER, Sandra. **Carta aos alunos**. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2022.

SCHMIDT, Augusto Frederico. A dançarina. In: Poesia completa. Rio de Janeiro: TopBooks, 1995.

SILVA, Dora Ferreira da. Andanças. In: **Poesia reunida**. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999.

SILVA, Dora Ferreira da. Mar. In: **Poesia reunida**. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999.

SILVA, Igor Pires da; NAZARETH, Letícia; MOREIRA, Malu. **Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente**: onde dorme o amor. São Paulo: Globo Alt, 2019.

SKLIAR, Carlos. Conversar e conviver com desconhecidos. In: FONTOURA, Helena Amaral da. **Políticas Públicas, Movimentos Sociais**: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011.

SPRITZER, Mirna. **A formação do ator**: um diálogo de ações. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SPRITZER, Mirna. A peça radiofônica: vocalidade, escuta e narração. In: MEDEIROS, Henrique Nunes. MORAES, Taiza Mara. (Org). **Contação de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

SPRITZER, Mirna. **Dizer e ouvir**. In: IV Reunião Científica da ABRACE, 2007, Belo Horizonte. Memória Abrace Digital, 2007.

SPRITZER, Mirna. **O corpo tornado voz**: a experiência pedagógica da peça radiofônica (Tese de doutorado), Porto Alegre, 2005.

VERONELLI, Gabriela A. La colonialidad del lenguaje y el monolenguajear como práctica lingüística de racialización. **Polifonia**, Cuiabá, v. 26, n. 44, p. 01-163, out.-dez., 2019. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/9002>>. Acesso em: 20 out. 2021.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. Tradução Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

YUNES, Eliana. Elementos para uma história de interpretação. In: **Pensar a leitura**: complexidade. YUNES, Eliana (Org.). São Paulo: Loyola, 2005.

YUNES, Eliana. **Mediadores e leitura**. Artigo escrito para o site do Instituto de Leitura Quindim, publicado em 26/10/2021. Disponível em: <<https://www.institutoquindim.com.br/post/mediadores-e-leitura-por-eliana-yunes>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymarã, 2009.

YUNES, Eliana. **Pelo avesso: a leitura e o leitor**. Curitiba: UFPR, 1995. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078>

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. Tradução de Jerusa Pires e Amálio Pinheiro Paul. São João: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.

## **APÊNDICE A - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**

### **Termo de assentimento assinado pelos alunos participantes do Clube da Poesia**

#### **TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(Conforme Resolução MS/CONEP nº 466/2012 e Resolução MS/CONEP nº 510/16)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Experiência poética e vocalização: o agir poético com alunos adolescentes do Nono Ano do Ensino Fundamental no Clube da Poesia”. Estamos convidando você a participar, por ser aluno matriculado no Nono Ano e por ser voluntário no Clube da Poesia. Seus pais (ou tutores) permitiram sua participação. Nesta pesquisa, queremos:

- Investigar de que forma a mediação em leitura pode provocar o saber-ser do adolescente na vocalização de textos poéticos.
- Compreender os processos envolvidos na trajetória de realização vocal do texto (incluindo a subvocalização da leitura silenciosa) percorrida pelo e no aluno e se isso leva-o a outro lugar de escuta – de si mesmo e do outro.
- Promover a experiência do agir poético no/do corpo do leitor/aluno para impulsionar sua relação com o mundo.
- Observar de que maneira a escuta potente do compartilhamento de vozes – do texto, do mediador, do grupo - precede o agir poético do adolescente no Clube da Poesia.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu. Não haverá nenhum problema se não participar ou se quiser desistir depois de iniciada a pesquisa. A pesquisa será feita no Colégio Mauá, onde o grupo de adolescentes se envolverá semanalmente com os encontros no Clube da Poesia, entre os meses de abril e outubro de 2022, no espaço escolar, em horário extracurricular.

Para isso, serão utilizadas obras literárias e textos impressos em folhas. O uso do objeto livro e das folhas impressas é considerado seguro, porém é possível que ocorram pequenos cortes ao manusear as folhas de papel. Mas há vantagens que podem ocorrer, como o despertar para a leitura de textos poéticos, para a vocalização de textos e para a leitura de mundo com mais criticidade, por exemplo.

Você não terá nenhum custo para participar da pesquisa, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelas despesas. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não

contaremos para outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados. Quando terminarmos a pesquisa, os resultados dela serão apresentados em um momento do “*Encontros com a Poesia*”, no Memorial da UNISC.

Se você tiver alguma dúvida ou caso aconteça algo errado, você pode perguntar à pesquisadora Agda Baracy Netto por telefone: (51) 995455331, ou por e-mail: [agdabaracy@mx2.unisc.br](mailto:agdabaracy@mx2.unisc.br)

Assim, eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “Experiência poética e vocalização: o agir poético com alunos adolescentes do Nono Ano do Ensino Fundamental no Clube da Poesia”, que tem os objetivos acima apresentados. Entendi as vantagens e as possíveis desvantagens que podem acontecer. Compreendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir, que ninguém vai ficar bravo comigo.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e informaram os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste documento, li e concordo em participar da pesquisa.

Santa Cruz do Sul, abril de 2022.

---

Nome e Assinatura do(a) pesquisador(a)

---

Nome e Assinatura do/a responsável pelo/a menor

## **APÊNDICE B - Termo de Consentimento para Responsabilizado**

### **Termo de consentimento assinado pelos responsáveis dos participantes do Clube da Poesia**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO PARA RESPONSABILIZADO**

Prezado(a) senhor(a),

Você está sendo convidado/a para facultar a participação de seu/sua responsabilizado/a como voluntário/a do projeto de pesquisa intitulado “Experiência poética e vocalização: o agir poético com alunos adolescentes do Nono Ano do Ensino Fundamental no Clube da Poesia”, que pretende investigar os processos envolvidos no agir poético de adolescentes do Nono Ano do Ensino Fundamental, a partir de vocalização de poemas no Clube da Poesia, vinculado ao programa de pós-graduação em Letras – Doutorado - da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa é a aluna doutoranda do PPGL, Agda Baracy Netto, que poderá ser contatada a qualquer tempo, através do telefone de número (51) 995455331.

A participação na pesquisa acima indicada de seu/sua responsabilizado/a é possível porque ele/a atende aos critérios de inclusão previstos na pesquisa, os quais são: aluno adolescente matriculado no Nono Ano do Ensino Fundamental e participante voluntário do Clube da Poesia do Colégio Mauá. A participação de seu/sua responsabilizado/a consiste no envolvimento semanal com os encontros, entre os meses de abril e outubro de 2022, no espaço escolar, em horário extracurricular.

Nessa condição, é possível que alguns desconfortos aconteçam, como: emocionar-se em certos momentos, evidenciando, talvez, suas fragilidades; expor-se em meio ao grupo; opor-se a diferentes ideias e encontrar possibilidades para argumentar as suas próprias. Por outro lado, a participação de seu/sua responsabilizado/a trará benefícios, como: desenvolver a empatia; aprender a lidar com situações de sensibilização; desenvolver a argumentação frente a ideias divergentes, o despertar para a leitura de textos poéticos e para a vocalização de textos.

Para a participação de seu/sua responsabilizado/a nessa pesquisa não haverá nenhuma despesa com transporte, alimentação, materiais a serem utilizados ou despesas de qualquer natureza. Ao final da pesquisa, você terá acesso aos resultados através da apresentação no Memorial da UNISC e de conversas com a pesquisadora principal, Agda Baracy Netto.

Assim, pelo presente Termo de Consentimento de Responsabilizado (TCR) eu, \_\_\_\_\_ declaro que autorizo a participação de meu/minha responsabilizado/a neste projeto de pesquisa, pois fui informado/a, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que ele/a será submetido/a, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderá ser submetido/a, todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de imagem e voz de meu/minha responsabilizado/a de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que ele/a não possa ser identificado/a através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado/a:

- a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- b) da liberdade de retirar o consentimento de meu/minha responsabilizado/a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo à continuação de seu cuidado e tratamento;
- c) da garantia de que meu/minha responsabilizado/a não será identificado/a quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- d) do compromisso de receber informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a vontade de meu/minha responsabilizado/a em continuar participando;
- e) da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos à saúde de meu/minha responsabilizado/a diretamente causados por esta pesquisa; e,
- f) de que se existirem gastos quanto a participação de meu/minha responsabilizado/a nessa pesquisa, esses serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o responsável pelo participante legal da pesquisa e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (051) 3717- 7680.

Local: Santa Cruz do Sul

Data: Abril de 2022

---

Nome e assinatura do voluntário

---

Nome e assinatura do responsável



## APÊNDICE C - Relato de ex-aluna

### **Relato da ex-aluna, colega de História e parceira do Clube da Poesia Samantha Sartor Parisotto**

*“Em 2008, na extinta oitava série, conheci uma professora nova de português, de voz calma, sorriso doce e um humor ácido, sempre pronta para levantar provocações importantes para a minha cabecinha adolescente. Apesar de ter sido aluna da profe Agda apenas durante esse ano, não foi difícil ela virar uma das minhas professoras favoritas, e ter sido o ano em que eu tive mais facilidade com os conteúdos – talvez seja essa admiração que me faça, ainda hoje, continuar chamando ela de “profe”. Lembro dos jogos de perguntas e respostas usados como revisão de conteúdo, e como eu, mesmo tímida, sempre me sentia motivada a participar e tentar ganhar alguns pontinhos extras pelas respostas certas. Na época eu pensava que aquela profe era muito querida por trazer essas atividades diferentes e podermos “perder” alguns minutos da aula com brincadeiras. Apenas quando entrei na faculdade eu fui entender que na verdade aquilo não era um tempo perdido, e a importância de atividades diferentes e lúdicas para a construção do saber do aluno.*

*Ao me formar e ter oportunidade de voltar ao meu colégio, agora como professora, tive a grata surpresa de reencontrar a “profe” Agda, que foi tão especial para mim. Mais grata ainda foi a surpresa de acabar me tornando parceira dela em planejamentos e diferentes atividades que pudessem cruzar nossos conteúdos – história e português - , às vezes tão desconectados na realidade escolar. Leituras obrigatórias compartilhadas, oficinas de quadrinhos, vocalização no clube da poesia, experiências tão interessantes e tão enriquecedoras que são motivo de grande orgulho para mim ter feito parte delas.*

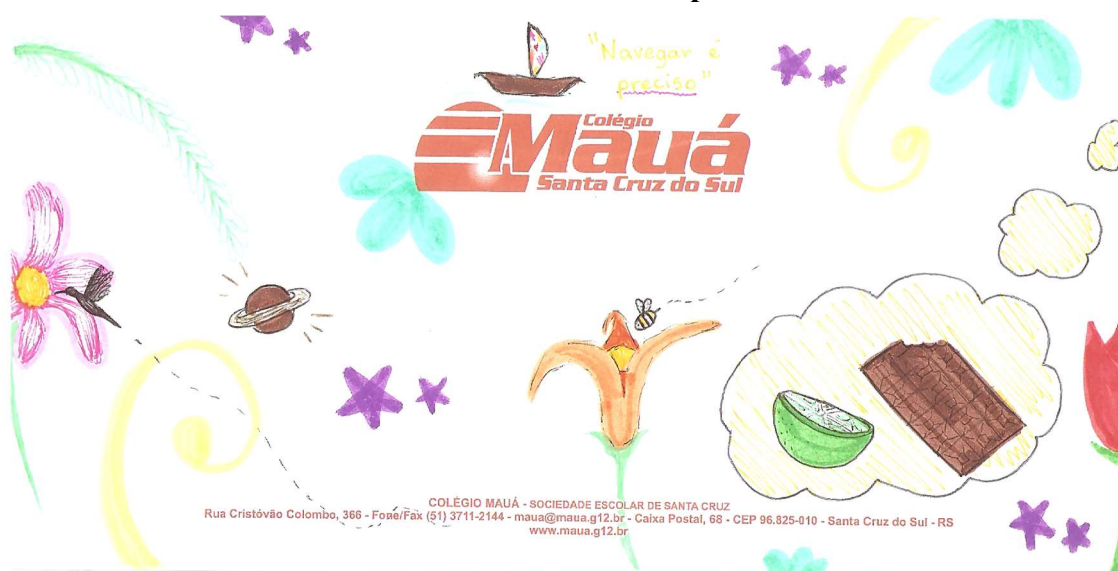
*Assim como pude aprender português tão bem lá em 2008, hoje aprendo com ela, em cada atividade compartilhada, como ser uma profissional cada vez melhor.”*

## APÊNDICE D - Depois do Clube de poesia, o que fica?

### Depois do Clube da Poesia, o que fica?

#### Relatos dos alunos

#### A delicadeza de um envelope



Fica a lembrança de que, por mais que pareça que somos os únicos passando por momentos difíceis e sozinhos na empreitada, NUNCA vamos estar 100% só e que há muita gente passando por outras coisas, mas de jeitos diferentes e que elas podem ser muito queridas, gentis e acolhedoras.

Eu escrevi no meu diário sobre o primeiro encontro. Ainda lembro direitinho. Lembro de eu andando perto do deque depois que tinha acabado, e eu tava pensando "Uau". Ai, é tão boa a sensação de estar no clube. Eu queria que continuasse, porque é tão seguro, tranquilo e confortável! Vai fazer muita falta.

Quando eu crescer vou falar pros meus filhos e depois pros meus netos como era o clube da poesia. Ai já tô até com saudade. Amei muito participar disso tudo.

O que ficou? É difícil explicar, mas não se veria  
É difícil explicar como eu me conectei com meus colegas  
e reconectei com amigos.

Que comecei com "desconhecidos" e terminamos conhecidos.  
É fácil explicar a lágrima que caiu, ao contrário de seu  
motivo, que naquela tarde em meio aos mosquitos, deixei  
meus pesares para trás. Tinta escorria de meus dedos e  
cores pintavam no tecido temidas palavras em explosões  
de gritos.

Lembro-me de abraçar um amigo, que a muito ressentido,  
deixou-se transbordar por meio de belas palavras solúgar.  
Sinto-me alegre, por ter partilhado minhas tardes com  
pessoas tão profundas. Sinto-me triste, por ter de deixar  
tais tardes para trás.

"Nada é para sempre"



"O que dói no adeus não é partir,  
O que mata no adeus é não voltar mais."

Depois do Clube da Poesia, o que fica?

O que fica depois do clube da poesia são memórias fantásticas! Cada encontro, cada conversa, e cada ensaio ficaram marcados no meu coração.

Construí amizades e conexões que vou levar para a minha vida. Aprendi a dar e sentir a vida diferente, sempre com um toque de poesia. Comecei a dar limões e chocolates com outros olhos, as famosas "palavras sujas" que falávamos muito, e a força que uma palavra tem.

Criei um vínculo e um carinho enorme pelas prof's Agda Simone e Nicole, onde pude ver que elas eram mais que "simples" professoras que eu via em frente ao quadro me dando aula. Pude perceber que elas eram pessoas incríveis e de um coração enorme.

Sempre vou levar o clube no meu coração, e sempre vai ser uma das minhas memórias mais coloridas.

Karolimi da Silva

Depois do Clube da Poesia, o que fica?

Duda Mainardi ♥

Acho que não dá pra falar sobre o que fica depois do clube sem mencionar o que foi vivido lá, porque aliás além de aprendizados, outra coisa que vou levar para a vida são as memórias. Cada encontro único e especial, quando nós chegamos lá pela 1ª vez pensando: "Cara a gente não vai sair por aí escrevendo poema?", mas depois eu vi que era muito mais que isso, e então eu passei a entrar na sala de artes só imaginando que loucura a gente faria aquela segunda. Cada segundo no clube me deixava mais leve, era literalmente uma terapia em grupo.

2022 foi meu 1º ano no Mauá, e eu fico muito feliz que tive a oportunidade de participar do clube da poesia, pois me ajudou a criar conexões e fazer amizades verdadeiras que eu vou levar pra vida toda. Além de que eu consegui também desenvolver muito minha fala (porque eu sempre tive vergonha de falar em público). Descobri também que as professoras as quais eu tinha aula toda a semana, eram MUITO mais que professoras que estão lá só para passar conteúdo, as profes Agda, Simone e Nicole são pessoas incríveis, extraordinárias, carinhosas e queridas que sei que sempre que precisar posso contar.

Certamente o clube me ensinou a ver a vida com um olhar diferente. Todos os momentos, risadas, ensaios e até mesmo os choros e perrengues que a gente viveu juntos vou levar pra vida e lembrar sempre que vejo um limão e um chocolate.

Obrigada por tudo profes Agda, Simone e Nicole. Obrigada aos amigos que eu fiz ao longo dessa aventura. Mas principalmente, Obrigada ao Clube da poesia, porque aliás, o que forma ele é cada momento e sentimento vivido lá, que só quem tava lá vai entender, como a gente sempre dizia: "O que acontece no clube da poesia fica no clube da poesia". ♥!!

Do clube ficam lágrimas  
Ficam ensinamentos  
Deixó as ideias mais claras  
Se criaram momentos

Fica pra trás um tempo  
Um tempo bom, de carinho  
A compreensão dos meus sentimentos  
Eu não fico mais sozinho

Sejam cartas de amor  
Ou cartas de confiança  
O clube me cria  
Me faz esperança

Eu me mantenho de pé  
Sendo mais do que eu fui  
Crescendo em cada palavra  
Sonhando em cada tarde encantada  
Mágica  
As mais esperadas

Nada é por agradecer  
Eu fiz tudo por mim  
O clube me ensinou  
Que é pra ser assim

Cordas não me amarram  
Sou uma linha sem um gancho  
Sou louca?  
Sou poeta!

Do clube fica coragem  
Do clube ficam história  
~~O clube foi uma viagem~~  
O clube foi uma grande viagem  
De onde ficaram grandes  
memórias.



"Do clube ficam..."



Lembranças felizes e inesquecíveis, amizades, amor pelas palavras e muito saudade.

Também fico a pensamento de que nosso "navio" deve seguir, sem medo de explorar todo o oceano, repleto de desafios e experiências. Sabemos que tempestades virão, mas sabemos que logo depois águas calmas virão como recompensa. Por mais que o banco lateral ele não vai virar, pois as lembranças boas, as pessoas que nos apoiam e nossos objetivos nos darão forças para continuar. Lembrando, aprendemos que apenas "mover-se é preciso".

Fô isso que fiz depois do clube, descobrimos que somos mais fortes do que imaginamos e nossas palavras têm muito poder. As sensações e emoções vivenciadas cada segundo-fleco de 2022 foram necessários para sabermos um pouco mais sobre nós e com colocar isso para fora, para mundo. Mostrou nossas melhores e piores partes, nosso chocolate e nosso limão e como eles são importantes juntos. Por fim, uma apresentação linda, com um pouco de cada um, reuniu as experiências do ano inteiro e ficou no memória para sempre.

→ ♥ Prof. Simone, Prof. Agda e Prof. Nicole ♥

Eo claro, sem essas professoras nada disso seria possível.

- Leandro Pereira Stauber

Bom saude, felicidade, boas lembranças e novas amizades.

O Clube da Poesia foi uma experiência maravilhosa onde podíamos ser nós mesmos, demonstrar os nossos sentimentos, falar ou não, lá era ~~o~~ onde não tinha o certo e o errado, tudo pode.

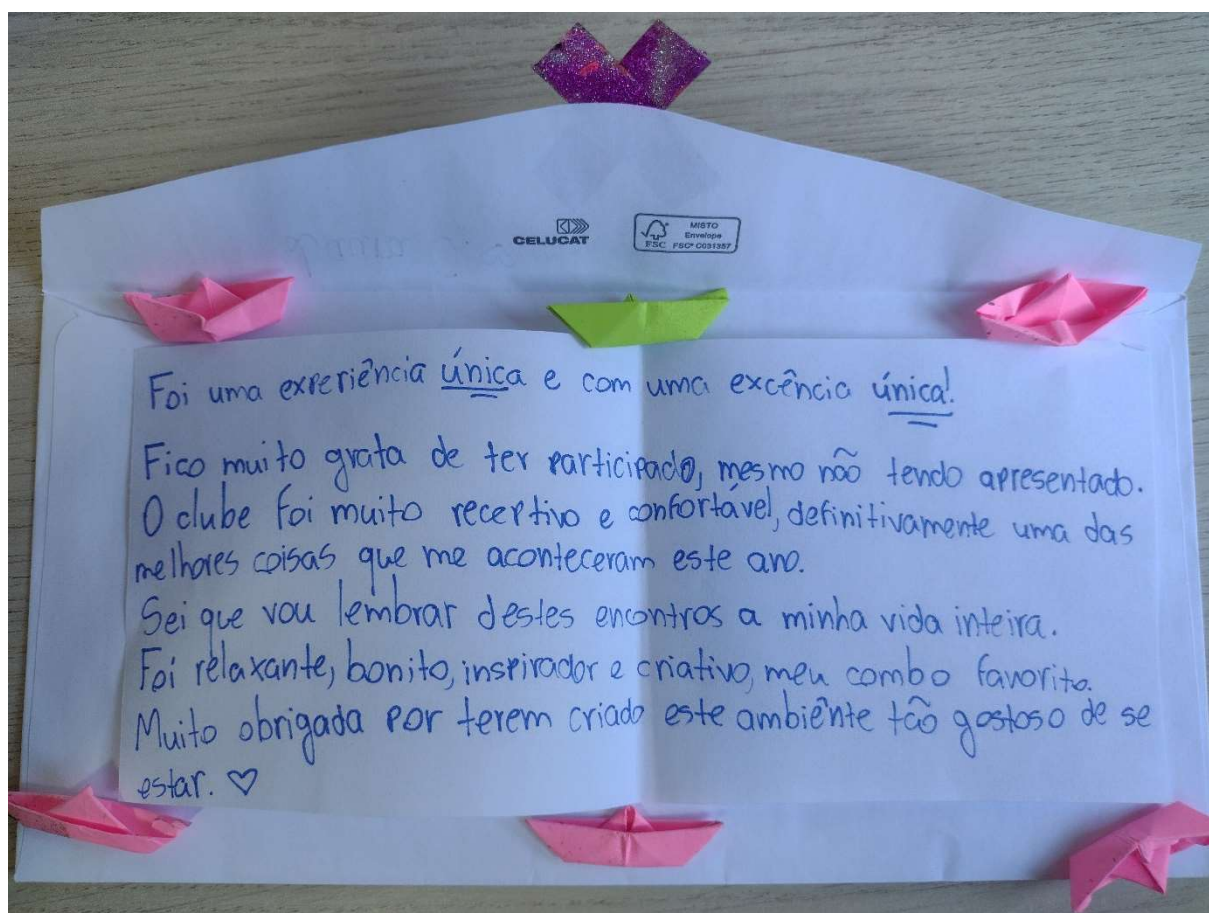
Nos permitiu sentir as emoções, focar no presente, viver tudo da melhor maneira, pensar de diferentes formas, esquecer todo o resto e só focar naquele momento que era só nosso, um lugar sem julgamentos, preconceitos isso tudo foi incrível!!

Lá enfrentávamos nossos medos, emoções. Quem diria que no final do ano nosso grupo se reduziria e teria tanta coragem.

A experiência de estar em um palco e mostrar todo nosso sentimento e nossa visão sem medo de que a plateia ia achar foi sensacional!

Muito obrigada profs por nos proporcionarem tantos momentos, ensinamentos e agora memórias, O Clube é transformador e mágico. Nunca desistam dele POA FAVOR!

Agora o que resta é seguir e nunca esquecer do que vivemos.



Foi uma experiência única e com uma excênica única!

Fico muito grata de ter participado, mesmo não tendo apresentado. O clube foi muito receptivo e confortável, definitivamente uma das melhores coisas que me aconteceram este ano.

Sei que vou lembrar destes encontros a minha vida inteira.

Foi relaxante, bonito, inspirador e criativo, meu combo favorita.

Muito obrigada por terem criado este ambiente tão gostoso de se estar. ♥



**APÊNDICE E - Relato de parceira**  
**Relato escrito pela parceira do Clube da Poesia – Simone Bencke**

*Naquela Porta*

*“Ser professor é um ofício que exige uma presença fora do comum. Uma presença que finge ser “cega” para sobreviver, por isso, adoro estar com os alunos das formas mais inusitadas, eu e eles, aprendendo a ver para sobreviver. Acho que esse ofício é obscuro, uma espécie de labirinto e é por isso que divido o meu dia a dia escolar com um cenário: um labirinto com várias portas. Um dia, caminhando nesse labirinto, pensando se iria conseguir concluir esse percurso, encontrei uma pessoa: Agda. Conforme o significado do nome Agda, encontrei uma pessoa boa. Ela me convidou para entrar Naquela Porta, o Clube da Poesia. É oxigênio o que encontramos quando entramos Naquela Porta. Isso tanto para o professor quanto para o aluno, é o que percebo.*

*A palavra, o silêncio, o movimento do corpo, a imobilidade, a fala, a escuta, enfim, o Clube da Poesia é uma constante contradição. Sempre estamos tocando uma camada intocável, uma impossibilidade, uma utopia, tendo coragem de se perder para se encontrar de outra forma. Ver outra possibilidade.*

*É preciso eliminar do caminho o quanto pudermos de obstáculos, resistências, tudo aquilo que possa vir a dividir e enfraquecer a cada um de nós, o coletivo. E isso, de uma certa forma, é a poesia nos auxiliando a sobreviver. Agradeço para sempre o convite da Agda, grande mentora, a generosa e acolhedora Nicole, parceiras de labirinto. Que possamos entrar sempre Naquela Porta, pois sabemos que não é uma questão de talento nosso, dos alunos, é uma questão de postura, de atitude, de sobrevivência. Que possamos sempre entrar naquela porta, viver o inimaginável e, ao fechá-la, continuar com a mesma certeza que temos até hoje: o que acontece no Clube da Poesia só quem vive sabe, é difícil explicar.”*

## APÊNDICE F - Relato de parceira

### Relato escrito pela parceira do Clube da Poesia – Nicole Rieger

*“Quando convidamos os alunos a participarem do Clube da Poesia, dizemos a eles que não há exatamente como descrever o que o ocorre em nossos encontros. Só quem vive o clube, sabe o que acontece lá dentro. E muito embora as palavras sejam o nosso combustível – e a âncora à qual sempre retornamos – elas realmente se tornam insuficientes para descrever as nossas vivências. Quando me vejo mediadora desse espaço, aí sim, poucas chegam aos pés de qualquer descrição sobre o que sinto. Tentarei, entretanto, falar sobre o que o clube faz com aquele que ocupa o local do professor.*

*Fui convidada a ingressar o grupo em 2022, no meu segundo ano trabalhando no Colégio Mauá. O que sabia sobre o grupo? Acredito que menos do que os próprios alunos que aceitaram o convite. Ah, Nicole. Você vai ver que as coisas acontecem lá dentro, disseram as minhas colegas. E foi assim. Elas aconteceram. Mas havia um detalhe nesse acontecer. Ele não era externo, também não era exatamente livre. Ele me parecia uma consequência de uma condição. Apenas se você se abrir para não ter certezas – e vem daí a falta de liberdade, já que depende de sua entrega –, os encontros irão acontecer, mas não em um espaço unicamente físico, as experiências que você viver acontecerão em ti. Um acontecimento que por ti perpassa. Não foi apenas em um encontro que percebi isso. Demorei talvez o primeiro ano inteiro para entender que aquele não era o lugar de coisas comuns. Não era o local de um planejamento didático ou de um gabarito de respostas. Palavras cotidianas da sala de aula não pertenciam a ali.*

*De certa forma, acredito que participar do clube, com o perdão dessa metáfora já gasta, é como subir uma montanha. Há um início que empolga – você quer chegar ao topo. Há um trajeto desconhecido – ao qual você se entrega sem ter absoluta certeza do próximo passo. Há um certo desconforto para nos movermos – o caminho exige envolvimento e a saída de sua zona de conforto. E há, ao fim de tudo, uma vista inacreditável. Embora os acessórios usados para auxiliar essa subida sejam os mesmos – muitas das atividades planejadas são repetidas de um ano ao outro – o trajeto é trilhado de uma maneira completamente diferente. Todo ano, quando retornamos à montanha, o caminho o qual escolhemos subir se altera, porque os alunos ao nosso lado são outros, porque damos a eles essa escolha, porque acreditamos no processo. Assim, quando chegamos ao topo, a vista é sempre outra. Quando, no fim de tudo, assistimos a uma apresentação final, e nela vemos a potência da palavra vibrar no corpo de nossos alunos,*

*a gente enxerga uma subida inefável. Não há palavras que descrevam o que é assistir e admirar o que os alunos fizeram porque você cedeu a eles uma oportunidade e, ainda, porque você, enquanto mediador, aceitou navegar no desconhecido. Certamente, se na vida eu buscasse por certezas, ficaria apenas com a gramática da sala de aula. Ainda bem que a poesia me encontrou. O nosso clube é, acima de tudo, coragem.”*

## APÊNDICE G - Relato de parceira

### Relato escrito pela parceira do Clube da Poesia – Andressa Espasandin

*“Quando a Agda me convidou para fazer parte do grupo docente do Clube da Poesia no Colégio Mauá, fiquei muito feliz com a ideia, mas pensei que, talvez, algumas pessoas não acreditassem na importância dessa atividade. No início, nós tínhamos certeza somente que queríamos que ele funcionasse e fosse muito significativo para nossos alunos. A cada encontro, ficava claro que, naquele tempo juntos, os discentes tinham a oportunidade de se expressar livremente, algo que nem sempre ocorre em sala de aula. Isso estimulava muito a criatividade deles e criava um espaço seguro para suas mais diferentes emoções. Ao ouvir e compartilhar poemas, verificávamos que eles estavam aprendendo a respeitar as diferentes perspectivas, o que não é uma tarefa simples para adolescentes.*

*Era possível perceber também que o vínculo entre os alunos se fortalecia com o passar do tempo e isso criou um ambiente de escuta e de acolhimento, pois ali, no local das nossas aulas, eles podiam criar, rir, chorar, desabafar e falar sobre a vida, sem medo de possíveis julgamentos. Isso demonstrava para nós, professoras, como é importante o compromisso com uma educação integral, que vai além do currículo básico e valoriza o potencial humano em todas as suas dimensões.*

*O meu receio inicial, de que não acreditassem na importância do nosso projeto, teve fim quando comecei a perceber o interesse e a alegria de diferentes pessoas ao conversar conosco sobre o clube. Além disso, vivenciar os encontros me possibilitou refletir sobre minha própria vida. Os poemas, as músicas e as interpretações me auxiliaram a compreender melhor minhas emoções e promoviam um espaço que era único para mim. Notei, então, que aqueles momentos semanais não eram só uma oportunidade especial para os alunos, mas para as professoras também.*

*Em 2021, quando minha filha nasceu, deixei de fazer parte do Clube da Poesia, pois era o meu momento de ser mãe, algo que eu sonhava há muito tempo. Hoje, percebo que ele me faz falta e pretendo voltar a participar. Essa minha vontade é por acreditar que, realmente, criamos no colégio, a partir do projeto, um ambiente de crescimento pessoal e social e que colaboramos com um local de integração, criativo e inspirador.”*

## ANEXO A - Autorização da escola

### Autorização da escola onde o Clube da Poesia acontece



Santa Cruz do Sul, 3 de janeiro de 2022.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, CEP-UNISC

Prezados Senhores,

Declaramos para os devidos fins conhecer o projeto de pesquisa intitulado "Experiência poética e vocalização: o agir poético com alunos adolescentes do Nono Ano do Ensino Fundamental no Clube da Poesia", desenvolvido pela acadêmica Agda Baracy Netto, do Programa de Pós-Graduação em Letras, Doutorado com enfoque na linha de pesquisa Estudos de mediação em leitura, da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, sob a orientação da professora Ângela Cogo Fronckowiak bem como os objetivos e a metodologia da pesquisa e autorizamos o desenvolvimento no Colégio Mauá.

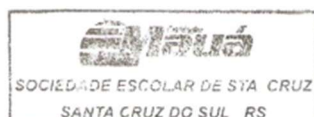
Informamos concordar com o parecer ético que será emitido pelo CEP-UNISC, conhecer e cumprir as Resoluções do CNS 466/12 e 510/2016 e demais Resoluções Éticas Brasileiras e a Norma Operacional 001/2013. Esta instituição está ciente das suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e no seu compromisso do resguardo da segurança e bem-estar dos pesquisados nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para tanto.

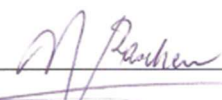
Atenciosamente,

Nome do responsável na instituição: Nestor Raschen

Cargo do responsável na instituição: Diretor Geral

Assinatura do responsável na instituição: \_\_\_\_\_



  
Nestor Raschen  
Diretor Geral

COLÉGIO MAUÁ - SOCIEDADE ESCOLAR DE SANTA CRUZ  
Rua Cristóvão Colombo, 366 - Fone/Fax (51) 3711-2144 - maua@maua.g12.br - Caixa Postal, 68 - CEP 96.825-010 - Santa Cruz do Sul - RS  
www.maua.g12.br

Fonte: Documento submetido ao CEP.

## ANEXO B - Aprovação do CEP

### Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Experiência poética e vocalização: o agir poético com alunos adolescentes do Nono Ano do Ensino Fundamental no Clube da Poesia

**Pesquisador:** AGDA BARACY NETTO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 55382522.8.0000.5343

**Instituição Proponente:** Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.279.440

##### Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa intitulado "Experiência poética e vocalização: o agir poético com alunos adolescentes do Nono Ano do Ensino Fundamental no Clube da Poesia" se propõe a analisar os processos envolvidos durante os encontros semanais no Clube da Poesia em uma instituição privada na cidade de Santa Cruz do Sul, RS, entre os meses de março e dezembro de 2022.

O interesse na pesquisa se encontra na análise da potência da mediação leitora enquanto experiência poética vocalizada para/por alunos dos Nonos Anos do Ensino Fundamental, em um Clube de Poesia, como projeto em uma escola privada, localizada no município de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. Dessa forma, será possível compreender se a mediação em leitura de poemas potencializa o agir poético de adolescentes como caminho para a escuta de si mesmo e dos outros.

Informações coletadas do arquivo PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1880488. pdf disponibilizado em 07/01/2022.

##### Objetivo da Pesquisa:

**Objetivo Primário:**

Investigar os processos envolvidos no agir poético de adolescentes do Nono Ano do Ensino Fundamental, a partir de vocalização de poemas no Clube da Poesia, em uma instituição privada

**Endereço:** Av. Independência, nº 2293 - Bloco 13, sala 1306  
**Bairro:** Universitário **CEP:** 96.815-900  
**UF:** RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL  
**Telefone:** (51)3717-7680 **E-mail:** cep@unisc.br

## ANEXO C - Textos das temáticas selecionadas

## Memórias de família

## CONVERSA

Há sempre uma fazenda na conversa  
bois pastando na sala de visitas  
divisas disputadas, cercas a fazer  
porcos a cevar  
a bateção dos pastos  
a pisadura da água  
de testa — e vejo o céu — testa estrelada.

Há sempre  
uma família na conversa,  
A família é toda a história: primos  
desde os primeiros degredados  
filhos de Eva  
até Quinquim Só Lu Janjão Tatau  
Nonô Tavinho Ziza Zito  
e tios, tios-avós, de tão barbado-brancos  
tão seculares, que são árvores.  
Seus passos arrastam folhas. Ninhos  
na moita do bigode. Aqui presentes  
avós há muito falecidos. Mas falecem  
deveras os avós?  
Alguém deste clã é bobo de morrer?  
A conversa o restaura e faz eterno.

Há sempre uma fazenda, uma família  
entrelaçadas na conversa:  
a mula & o muladeiro  
o casamento, o cocho, a herança, o dote, a aguada  
o poder, o brasso, o vasto isolamento  
da terra, dos parentes sobre a terra.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo. In: \_\_. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

(velhice)

Minha avó atravessara o pampa de carreta  
/cortando a cerração e a geada.  
Em Rivera, seu pai servia cerveja de graça  
/a tropas de algum caudilho  
E eles diziam: "agradece, alemão de merda,  
/que te deixamos vivo".  
Ela chegou de barco a Porto Alegre.  
Com tanto navio e mastro, a cidade parecia  
/um circo de cavaleiros.  
Ali era a rua do Arvoredo;  
/hoje se chama Fernando Machado.  
Minha avó não toma banho de chuveiro.  
No inverno, põe um balde d'água no sol  
/para esquentar um pouco.  
E continua vivendo.

AGUIAR, Flávio. Velhice. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *20 poemas hoje*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA 1º ENCONTRO: MEMÓRIAS DE FAMÍLIA  
GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS POÉTICOS

## COMPONENTES:

Prof. Dr. Norberto Perkoski (Coordenador – Departamento de Letras)  
Prof. Ms. Ângela Cogo Fronckowiak (Membro integrante – Departamento de Letras)  
Prof. Dr. Sandra Richter (Membro integrante – Departamento de Educação)  
Fabiano Felten (Bolsista BIC/FAPERGS e Discente de Letras/Português)  
Ana Luiza Martins (Bolsista PROBIC II/FAPERGS e Discente de Letras/Português e Espanhol)

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC

## NOITE

## Ao "Canto Eucarístico" de Adélia Prado

Tia Cininha veio pôr veneno na fervura  
fogo na ferida  
molho na doença  
Tia Cininha nem quando  
criança lá em casa nascia  
ela vinha!

Vivia mal com o marido.  
O sexo não lhe era agradável  
e nada aos seus ouvidos  
poderia ser mais amável  
nada mais ardente  
do que briga conjugal  
de um parente.

Ah... Era festa, procissão, missal  
Blém-blém... tocam o sino.

Tia Cininha vestia-se do melhor que podia  
para sua melhor tarefa: Encaminhar intrigas.

Não, nunca as criava (era escrupulosa);  
Mas, uma vez existentes, entre uma hósta e outra,  
tratava de dinamizá-las.

Tia Cininha não se cansava,  
viajava horas pra chegar com olhos e boca  
pra dizer apenas: Não sei não, não gosto  
de me meter na vida dos outros  
mas você pra mim é como se fosse minha filha...

Era o prefácio do diabo  
O quiabo couvert da Beata Cininha.

Tadinha! Sofria de dois males sem cura  
que não seja voluntária:

Rancor e inveja.

É preciso força.

Tia Cininha não tinha.

Por isso se empenhava em minar a dos outros.  
Assim se mantinha.

LUCINDA, Elisa. *Eucamo e suas estreias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Tia Cininha surgiu enorme  
no meio do poema da Adélia.  
Por reconhece-la nas tias  
e porque é assim que eu começo  
tive que levantar pra fazer verso.

Fevereiro de 1998

## III

Meu avô, que não conheci,  
morreu debaixo do cajueiro,  
de repente.

Ao lado do manacá plantado por suas mãos.  
Logo que um manacá floresce,  
vejo esse avô que não conheci.

Um avô jovem, belo, de olhos verdes,  
e as lágrimas de minha avó abraçada ao seu peito.  
Seu peito, ela recordava,  
era branco, firme, polido — um marfim.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA DO 1º ENCONTRO:  
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA  
DATA: 04/04/06



|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Segunda canção de muito longe</b></p> <p>Havia um corredor que fazia cotovelo:<br/>Um mistério encanando com outro mistério, no escuro...</p> <p>Mas vamos fechar os olhos<br/>E pensar numa outra cousa...</p> <p>Vamos ouvir o ruído cantado, o ruído arrastado das<br/>[correntes no alçobe,<br/>Puxando a água fresca e profunda.<br/>Havia no arco do alçobe trepadeiras trêmulas.<br/>Nós nos debruçávamos à borda, gritando os nomes uns dos outros,<br/>E lá dentro as palavras ressoavam fortes, cavernosas<br/>[como vozes de leões.<br/>Nós éramos quatro, uma prima, dois negrinhos e eu.<br/>Havia os azulejos reluzentes, o muro do quintal, que<br/>[limitava o mundo,<br/>Uma painceira enorme e, sempre e cada vez mais, os<br/>[grilos e as estrelas...</p> <p>Havia todos os ruídos, todas as vozes daqueles tempos...<br/>As lindas e absurdas cantigas, tia Tula ralhando os<br/>[cachorros,<br/>O chiar das chaleiras...</p> <p>Onde andará agora o <i>pince-nez</i> da tia Tula<br/>Que ela não achava nunca?</p> <p>A pobre não chegou a terminar a Toutinegra do Moinho,<br/>Que sala em folhetim no Correio do Povo!...</p> <p>A última vez que a vi, ela ia dobrando aquele corredor<br/>[escuro.<br/>Ia encolhida, pequenininha, humilde. Seus passos não<br/>[faziam ruído.<br/>E ela nem se voltou para trás!</p> | <p><b>Linhagem</b></p> <p>Minha árvore ginecológica<br/>me transmitiu fidalguias,<br/>gestos marmorizáveis:<br/>meu pai, no dia do seu próprio casamento,<br/>largou minha mãe sozinha e foi pro baile.<br/>Minha mãe tinha um vestido só, mas<br/>que porte, que pernas, que meias de seda mereceu!<br/>Meu avô paterno negociava com tomates verdes,<br/>não deu certo. Derrubou mato pra fazer carvão,<br/>até o fim de sua vida, os poros pretos de cinza:<br/>'Não me enterrem na Jaguara. Na Jaguara, não'.<br/>Meu avô materno teve um pequeno armazém,<br/>uma pedra no rim,<br/>sentiu cólica e frio em demasia,<br/>no cofre de pau guardava queijo e moedas.</p> | <p>Jamais pensaram em escrever um livro.<br/>Todos extremamente pecadores, arrependidos<br/>até a pública confissão de seus pecados:<br/>que um deles pronunciou como se lüsse todos:<br/>'Todo homem erra. Não adianta dizer eu<br/>porque eu. Todo homem erra.<br/>Quem não errou vai errar'.<br/>Esta sentença não lapidar, porque eivada<br/>dos soluços próprios da hora em que foi chorada,<br/>permaneceu inédita, até que eu,<br/>cuja mãe e avós morreram cedo,<br/>de parto, sem discursar,<br/>a transmitisse a meus futuros,<br/>enormemente admirada<br/>de uma dor tão alta,<br/>de uma dor tão funda,<br/>de uma dor tão bela,<br/>entre tomates verdes e carvão,<br/>bolor de queijo e cólica.</p> | <p>PRADO, Adélia. O coração disparado. In: _____. <i>Poesia reunida</i>.<br/>9. ed. São Paulo: Siciliano, 1999.</p> |
| <p>QUINTANA, Mário. Segunda canção de muito longe. In: MURICOMI, Italo (Org.). <i>Os cem melhores poemas brasileiros do século</i>. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <p><b>ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO</b><br/>TEMA DO 1º ENCONTRO:<br/>MEMÓRIAS DE FAMÍLIA<br/>DATA: 04/04/06</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                     |

### FOTOGRAFIA NO JARDIM

O jardim se apagou e a fotografia.  
Foi a noite e a manhã do primeiro dia.  
Sorrindo a mãe olhando a irmã —  
pousada uma carícia do vento em mim  
e no joelho dele me apoiava  
como se escrevesse um ditado de amor:  
Pai Irmão Homem do destino  
(em seu joelho me apoiava)  
— lua no sol e noite no dia —  
escrevendo mentirosa  
a verdade da fotografia:  
o amor pueril.

SILVA, Dora Ferreira da. Jardins: esconderijos. *Poesia reunida*.  
Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

### UMA NOITE

o tio cuspiu pardais de cinco em cinco minutos.  
esta grama de lágrimas forrando a alma inteira  
(conforme se diz da jaula de nervos)  
recebe os macios passos de toda a família  
na casa evaporada  
mais os vazios passos  
de q̃a própria menina.  
a avó puxava linhas de cor de dentro dos olhos.  
uma gritaria de primos e bruxas escalava o vento  
escalpelava a tempestade  
pedaços de romã podre  
no bolor e charco do tanque.  
o pai conduzia a festa  
como um barqueiro  
puxando peixes mortos  
nós  
os irmãos  
jogávamos no fogo  
dentaduras pétalas tranças  
fotografias cuspes aniversários  
e sempre  
uma canção  
só cal e ossos  
a mãe de nuvem parindo orquídeas no cimento.

NETO, Afonso Henriques. Uma noite. In: HOLLANDA, Heloísa  
Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano,  
1998.

ENCONTROS COM A POESIA - XIII MÓDULO  
TEMA DO 1º ENCONTRO:  
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA  
DATA: 04/04/06

### Fraseador

Hoje eu completei oitenta e cinco anos. O poeta nasceu de treze. Naquela ocasião escrevi uma carta aos meus pais, que moravam na fazenda, contando que eu já decidira o que queria ser no meu futuro. Que eu não queria ser doutor. Nem doutor de curar nem doutor de fazer casa nem doutor de medir terras. Que eu queria era ser fraseador. Meu pai ficou meio vago depois de ler a carta. Minha mãe inclinou a cabeça. Eu queria ser fraseador e não doutor. Então, o meu irmão mais velho perguntou: Mas esse tal de fraseador bota mantimento em casa? Eu não queria ser doutor, eu só queria ser fraseador. Meu irmão insistiu: Mas se fraseador não bota mantimento em casa, nós temos que botar uma enxada na mão desse metino pra ele deixar de variar. A mãe baixou a cabeça um pouco mais. O pai continuou meio vago. Mas não botou enxada.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

### SENTINELA

MORTE VELA  
SENTINELA SOU  
DO CORPO DESSE MEU IRMÃO  
QUE JÁ SE VAI  
REVEJO NESTA HORA  
TUDO QUE OCORREU  
MEMÓRIA NÃO MORRERÁ

VULTO NEGRO  
EM MEU RUMO VEM  
MOSTRAR A SUA DOR  
PLANTADA NESSE CHÃO  
SEU ROSTO BRILHA EM REZA  
BRILHA EM FACA E FLOR  
HISTÓRIAS VÊM ME CONTA

LONGE, LONGE  
OUÇO ESSA VOZ  
QUE O TEMPO NÃO LEVAVA

PRECISA GRITAR SUA FORÇA, É IRMÃO  
SOBREVIVER  
A MORTE AINDA NÃO VAI CHEGAR  
SE A GENTE NA HORA DE UNIR  
OS CAMINHOS NUM SÓ  
NÃO FUGIR NEM SE DESVIAR

PRECISA AMAR SUA AMIGA, É IRMÃO  
E RELEMBRAR  
QUE O MUNDO SÓ VAI SE CURVAR  
QUANDO O AMOR QUE EM SEU CORPO

JÁ NASCEU  
LIBERDADE BUSCAR  
NA MULHER QUE VOCÊ  
ENCONTROU

MORTE VELA  
SENTINELA SOU  
DO CORPO DESSE MEU IRMÃO  
QUE JÁ SE FOI  
REVEJO NESTA HORA  
TUDO QUE APRENDI  
MEMÓRIA NÃO MORRERÁ

LONGE, LONGE  
OUÇO ESSA VOZ  
QUE O TEMPO NÃO VAI LEVAR

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. Sentinela. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, Milton. *MPB: compositores*. (S. l.): RGE, 1997. v. 19. 1 CD. Faixa 5.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA DO 1º ENCONTRO:  
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA  
DATA: 04/04/06

## Desejos

*Gazel da morte sombria*

QUERO dormir o sono das maçãs,  
afastar-me do tumulto dos cemitérios.  
Quero dormir o sono daquele menino  
que queria cortar o coração em alto-mar.

Não quero que me repitam que os mortos não  
perdem o sangue;  
que a boca podre continua pedindo água.  
Não quero saber dos martírios que a erva dá,  
nem da luz com boca de serpente  
que trabalha antes do amanhecer.

Quero dormir um instante,  
um instante, um minuto, um século;  
mas que todos saibam que não morri;  
que há um estábulo de ouro em meus lábios;  
que sou o pequeno amigo do vento Oeste;  
que sou a sombra imensa de minhas lágrimas.

Cobre-me o despontar da aurora com um véu  
porque me atirará punhados de formigas,  
e molha com água dura os meus sapatos  
para que resvale a pinça de seu lacrau.

Porque quero dormir o sono das maçãs  
para aprender um pranto que me limpe de terra;  
porque quero viver com aquele menino escuro  
que queria cortar o coração em alto-mar.

GARCÍA LORCA, Federico. *Antologia poética*. Tradução  
William Agel de Mello. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

## Poema patético

Como a voz de um pequeno braço de mar perdido dentro de uma  
[caverna,  
Como um abafado soluço que irrompeste de súbito de um quarto  
[fechado,

Ouçó-te, agora, a voz, ó meu desejo, e instintivamente recuo até as  
[origens de minha angústia,  
Policiada e vencida, oh! afinal vencida por tantos e tantos séculos de  
[resignação e humildade.

Em que hora remota, em que época já tão distanciada, foi que os ares  
[vibraram pela última vez, diante de teu último grito de rebeldia?  
Quantas vezes, ó meu desejo, tu me obrigaste a acender grandes fogueiras  
[dentro da noite.

E esperar, cantando, pela madrugada?  
Mas, e hoje? Hoje a tua voz ressoa dentro de mim, como um cântico de  
[órgão.

Como a voz de um pequeno braço de mar perdido dentro de uma  
[caverna,

Como um abafado soluço que irrompesse, de súbito, de um quarto  
[fechado.

MOURA, Emílio. Poema patético. In: MORICONI, Italo (Org.).  
*Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro:  
Objetiva, 2001.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA 2º ENCONTRO: DESEJOS  
GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS POÉTICOS  
COMPONENTES:

Prof. Dr. Norberto Perkoski (Coordenador – Departamento de Letras)  
Prof. Ms. Ângela Cogo Fronckowiak (Membro integrante – Departamento de Letras)  
Prof. Dr. Sandra Richter (Membro integrante – Departamento de Educação)  
Fabiano Felten (Bolsista BIC/FAPERGS e Discente de Letras/Português)  
Ana Luiza Martins (Bolsista PROBIC II/FAPERGS e Discente de Letras/Português e Espanhol)

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC

## TARDE E CASA VAZIA

O pudim amorna  
sobre a grade do forno  
o cheiro de canela deita-se  
entre frestas.  
Há um silêncio na casa  
um zumbido de inseto  
e o sangue que lateja  
na cabeça.  
No casulo da rede  
o corpo  
falsamente dormido  
arrasta leve a mão para a virilha.  
E não há mais silêncio  
nem ruídos  
somente esse querer  
que chama  
e que se atende.

COLASANTI, Marina. *Gargantas abertas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

## HORA MÁGICA

Pés contentes na manhã de março.  
O vida! O quinta-feira inteira!  
pisando a arcia que canta, o barro que clapele,  
a poça d'água que rebrilha.  
Há de ser sempre assim, não vou crescer,  
não vou ser feito os grandes, apressados,  
afritos, de fumo no chapéu,  
esporas galopantes.  
O dia é todo meu. E este caminho,  
estas pedras, estes passarinhos, este sol espalhado  
em cima de minha roupa, de minhas unhas.  
Tenho canivete Rodger, gélia, pão-de-queijo  
para comer quando quiser.  
descobrir tesouro, bichos nunca vistos,  
quem sabe se um feiticeiro, um ermitão,  
a ondina ruiva do Rio do Tanque.  
Igual aos índios. Igual a mim mesmo, quando sonho.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo*. In: \_\_\_\_\_.  
*Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

## Às vezes

Às vezes  
frequentemente às vezes  
quero um reino  
que não existe  
senão debaixo da minha pele.  
E saio em busca desse reino  
enfando-me nos mares  
dobrando cabos e tormentas  
perdendo-me nas rotas  
de um cone sombreado.  
Ainda que amarrada ao mastro  
da nau tão incompleta  
que capitancio  
quero ouvir sireias  
e sinais de aves.  
Mas debaixo desse mar  
negro e profundo  
um outro reino espreita  
e me põe medo.

ARCHANJO, Neide. Às vezes. In: FARIA, Álvaro Alves de;  
MOISÉS, Carlos Felipe (Orgs.). *Antologia poética da geração  
60*. São Paulo: Nankin, 2000.

## ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO

TEMA DO 2º ENCONTRO: DESEJOS

DATA: 11/04/06

# VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
De tal modo inconsequente  
Que Joana a Louca de Espanha  
Rainha e falsa demente  
Vem a ser contraparente  
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica  
Andarei de bicicleta  
Montarei em burro brabo  
Subirei no pau-de-sebo  
Tomarei banhos de mar!  
E quando estiver cansado  
Deito na beira do rio  
Mando chamar a mãe-d'água  
Pra me contar as histórias  
Que no tempo de eu menino  
Rosa vinha me contar  
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
Tem telefone automático  
Tem alcaide a vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste  
Mas triste de não ter jeito  
Quando de noite me der  
Vontade de me matar  
— Lá sou amigo do rei —  
Terrei a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada.

BAUDELAIRE, Manuel. *Libertinagem*. In: —. *Estrela da vida*.  
Intera. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

## SORTILÉGIO

Estava eu ali  
no escuro e  
de repente  
o silêncio se move

enruga-se, melhor  
dizendo, e me  
roça as virilhas  
(onde dormiam fúrias)

É quando uma  
quase voz me toca  
o lado esquerdo  
do corpo para onde  
me volto  
e estás ali  
nua

emergias da treva  
as coxas o ventre  
os seios

eram luas encantadas  
e do centro  
do teu corpo  
a macia estrela negra  
me chamava

para dentro de si  
enquanto o teu rosto menino  
espantosamente familiar  
sorria a me dizer: jamais  
jamais jamais  
escapará

GULLAR, Ferreira. *Poemas recentes*. In: —. *Toda poesia*.  
9. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000.

## QUE HORAS SÃO?

Comecei a escrever este poema às 12h23min de 12 de  
agosto de 1974  
Os pesquisadores não querem outra vida  
Eles morrem por dados  
— mal sabem que a vida é um incerto e implacável  
jogo de dados...

E eu tanto que desejava que minha biografia  
terminasse de súbito  
simplesmente assim:  
"Desaparecido na batalha de Itororó"  
(Desaparecido? Meu Deus, quem sabe se ainda estarei  
vivo?)

QUINTANA, Mário. *Nova antologia poética*. 7. ed. São  
Paulo: Globo, 1998.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA DO 2º ENCONTRO: DESEJOS  
DATA: 11/04/06

### O LÁPIS

É por demais de grande a natureza de Deus.

Eu queria fazer para mim uma naturezinha particular.

Tão pequena que coubesse na ponta do meu lápis.

Fosse ela, quem me dera, só do tamanho do meu quintal.

No quintal ia nascer um pé de tamarino apenas para uso dos passarinhos.

E que as manhas elaborassem outras aves para compor o azul do céu.

E se não fosse pedir demais eu queria que no fundo corresse um rio.

Na verdade na verdade a coisa mais importante que eu desejava era o rio.

No rio eu e a nossa turma, a gente iria todo dia jogar cangapé nas águas correntes.

Essa, eu penso, é que seria a minha naturezinha particular.

Até onde o meu pequeno lápis poderia alcançar.

BARROS, Manoel de. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

### O Quereres

Onde queres revólver sou coqueiro, onde queres dinheiro sou paixão  
Onde queres descanso sou desejo, e onde sou só desejo queres não  
E onde não queres nada, nada falta, e onde voas bem alta eu sou o chão  
E onde pisas no chão minha alma salta, e ganha liberdade na amplitude

Onde queres família sou maluco, e onde queres romântico, burguês  
Onde queres Leblon sou Pernambuco, e onde queres eunuco, garanhão  
E onde queres o sim e o não, talvez, onde vês eu não vislumbro razão  
Onde queres o lobo eu sou o irmão, e onde queres cowboy eu sou chinês

Ah, bruta flor do querer, ah, bruta flor, bruta flor

Onde queres o ato eu sou o espírito, e onde queres ternura eu sou tesão  
Onde queres o livre decassilabo, e onde buscas o anjo eu sou mulher  
Onde queres prazer sou o que dói, e onde queres tortura, mansidão  
Onde queres o lar, revolução, e onde queres bandido eu sou o herói

Eu queria querer-te e amar o amor, construirmos dulcíssima prisão  
E encontrar a mais justa adequação, tudo métrica e rima e nunca dor  
Mas a vida é real e de viés, e vê só que cilada o amor me armou  
E te quero e não queres como sou, não te quero e não queres como és

Onde queres comício, flipper vídeo, e onde queres romance, rock'nroll  
Onde queres a lua eu sou o sol, onde a pura natureza, o inseticídio  
E onde queres mistério eu sou a luz, onde queres um canto, o mundo inteiro  
Onde queres quaresma, fevereiro, e onde queres coqueiro eu sou obus

O queres e o estares sempre a fim do que em mim é de mim tão desigual  
Faz-me querer-te bem, querer-te mal, bem a ti, mal ao queres assim  
Infinidamente pessoal, e eu querendo querer-te sem ter fim  
E querendo te aprender o total do querer que há e do que não há em mim

VELOSO, Caetano. O quereres. Intérprete: Caetano Veloso. In: *—*.  
*Totalmente demais*. São Paulo: Polygram, p.1990. 1 CD. Faixa 2.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA DO 2º ENCONTRO: DESEJOS  
DATA: 11/04/06

## A reflexão

## TEOLOGIA DO TRASTE

As coisas jogadas fora por motivo de traste  
são alvo da minha estima.  
Prediletamente latas.  
Latas são pessoas léxicas pobres porém concretas.  
Se você jogar na terra uma lata por motivo de  
traste: mendigos, cozinheiras ou poetas podem pegar.  
Por isso eu acho as latas mais suficientes, por  
exemplo, do que as idéias.  
Porque as idéias, sendo objetos concebidos pelo  
espírito, elas são abstratas.  
E, se você jogar um objeto abstrato na terra por  
motivo de traste, ninguém quer pegar.  
Por isso eu acho as latas mais suficientes.  
A gente pega uma lata, enche de areia e sai  
puxando pelas ruas moda um caminhar de areia.  
E as idéias, por ser um objeto abstrato concebido  
pelo espírito, não dá para encher de areia.  
Por isso eu acho a lata mais suficiente.  
Idéias são a luz do espírito — a gente sabe.  
Há idéias luminosas — a gente sabe.  
Mas elas inventaram a bomba atômica, a bomba  
atômica, a bomba atômica.....  
Agora  
eu queria que os vermes iluminassem.  
Que os trastes iluminassem.

BARROS, Manoel de. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

## Soliloquio sem fim e rio revolto

Soliloquio sem fim e rio revolto —  
mas em voz alta, e sempre os lábios duros  
ruminando as palavras, e escutando  
o que é consciência, lógica ou absurdo.

A memória em vigília alcança o solto  
perpassar de episódios, uns futuros  
e outros passados, vagos, ondulando  
num implacável estribilho surdo.

E tudo num refrão atormentado:  
memória, raciocínio, descalabro...  
Há também a janela da amplidão;

e depois da janela esse esperado  
postigo, esse último portão que eu abro  
para a fuga completa da razão.

LIMA, Jorge de. Soliloquio sem fim e rio revolto. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

## MANHÃ

As estátuas sem mim não podem mover os braços  
Minhas antigas namoradas sem mim não podem amar seus maridos  
Muitos versos sem mim não poderão existir.

É inútil deter as aparições da musa  
É difícil não amar a vida

Mesmo explorado pelos outros homens

É absurdo achar mais realidade na lei que nas estrelas  
Sou poeta irrevogavelmente.

MENDES, Murilo. Os quatro elementos. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA 3º ENCONTRO: A REFLEXÃO  
GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS POÉTICOS  
COMPONENTES:

Prof. Dr. Norberto Perkoski (Coordenador – Departamento de Letras)  
Prof. Ms. Ângela Cogo Fronckowiak (Membro integrante – Departamento de Letras)  
Prof. Dr. Sandra Richter (Membro integrante – Departamento de Educação)  
Fabiano Felten (Bolsista BIC/FAPERGS e Discente de Letras/Português)  
Ana Luiza Martins (Bolsista PROBIC II/FAPERGS e Discente de Letras/Português e Espanhol)

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC



### Poema de natal

Para isso fomos feitos:  
Para lembrar e ser lembrados  
Para chorar e fazer chorar  
Para enterrar os nossos mortos –  
Por isso temos braços longos para os adeuses  
Mãos para colher o que foi dado  
Dedos para cavar a terra.

Assim será a nossa vida:  
Uma tarde sempre a esquecer  
Uma estrela a se apagar na treva  
Um caminho entre dois túmulos –  
Por isso precisamos velar  
Falar baixo, pisar leve, ver  
A noite dormir em silêncio.

Não há muito que dizer:  
Uma canção sobre um berço  
Um verso, talvez, de amor  
Uma prece por quem se vai –  
Mas que essa hora não esqueça  
E por ela os nossos corações  
Se deixem, graves e simples.

Pois para isso fomos feitos:  
Para a esperança no milagre  
Para a participação da poesia  
Para ver a face da morte –  
De repente nunca mais esperaremos...  
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas  
Nascemos, imensamente.

MORAES, Vinícius de. Poema de Natal. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

### POSTERIDADE

Eles vão nos achar ridículos, os pósteros.  
Nos examinarão  
com extrema curiosidade  
e um tardio afeto.  
Mas vão nos achar ridículos, os pósteros.

Olhado de lá  
tudo aqui  
será mais claro  
para eles  
que nos verão  
inteiramente diversos  
do que somos,  
bem mais exóticos  
do que somos.

– Como esses primitivos  
ousavam se chamar modernos?  
Farão simpósios, debaterão  
e chegarão a bizarras conclusões.

Assim entraremos para a história deles  
como outros para a nossa entraram:  
não como o que somos  
mas como reflexo de uma reflexão.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Intervalo amoroso e outras poesias*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

### Antes do nome

Não me importa a palavra, esta corriqueira.  
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,  
os sítios escuros onde nasce o 'de', o 'aliás',  
o 'o', o 'porém' e o 'que', esta incompreensível  
muleta que me apóia.  
Quem entender a linguagem entende Deus  
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.  
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,  
foi inventada para ser calada.  
Em momentos de graça, infrequentíssimos,  
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.  
Puro susto e terror.

PRADO, Adélia. Bagagem. In: \_\_\_\_\_. *Poesia reunida*. 9. ed. São Paulo: Siciliano, 1999.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA DO 3º ENCONTRO: A REFLEXÃO  
DATA: 18/04/06

## SOLILÓQUIO DO CALADINHO

Eu não sei o que diga  
se me falam na rua.  
Não estou preparado  
para conversa-no-ar.

Não sei fazer visita  
e dizer as amenas  
frases que toda gente  
traz no bolso da calça.

A mentira é difícil  
e não por ser mentira:  
porque exige da gente  
a arte de inventar.

A alegria é difícil  
de se manifestar,  
não por ser alegria.  
Porque é forte demais.

O sofrimento é fácil  
de se exibir na face.  
Tudo dói, tudo queima  
sem fôforo aparente.

Os parentes me falam  
uma língua só deles.  
Eu entendo a linguagem  
das pedras sem família.

Tudo é mais complicado  
se se tenta explicar  
Um gato me fitou,  
percebi tudo: nada.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boletoempo*. In: —. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

## O PENSADOR DE RODIN

Apoiando na mão rugosa o queixo fino,  
O Pensador reflete que é carne sem defesa:  
Carne da cova, nua em face do destino,  
Carne que odeia a morte e tremeu de beleza.

E tremeu de amor, toda a primavera ardente,  
E hoje, no outono, afoga-se em verdade e tristeza.  
O "havemos de morrer" passa-lhe pela mente  
Quando no bronze cai a noturna escuridão.

E na angústia seus músculos se fendem sofrendores.  
Sua carne sulcada enche-se de terrores,  
Fende-se, como a folha de outono, ao Senhor forte

Que o reclama nos bronzes. Não há árvore torcida  
Pelo sol na planície, nem leão de anca ferida,  
Crispados como este homem que medita na morte.

MISTRAL, Gabriela. *Poemas traduzidos*. In: BIANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

## O TRÂNSITO

O trânsito estava lento, num trânsito muito lento / E quando a gente  
fala lento, a gente fala / De alguma coisa que se arrasta / De alguma  
coisa quase sem movimento / Da janela do carro / Observo os olhares  
da espera / Fixos em cada destino / Nas paradas de ônibus / Nos passos  
que buscam, seu acerto / Seu descanso e também seu desatino / Bolsas,  
guarda-chuvas, chuva, toques de celulares / Sacolas de super mercado,  
rostos, risos / Pensamentos... pensei / Tenho que dar essa história é a  
minha história... / Que minha, que eu, que pretensão / E o silêncio é o  
silêncio, o melhor é o silêncio / Sinto as agulhas do tempo, os retalhos /  
Os remendos / Tudo dependendo costurado por dentro / Sem dó, nem piedade /  
Imagens que me representam / Cinema-verdade, te pergunto... / Qual o  
personagem, qual a melhor definição / Para esse momento? / Nos sabemos...  
quem somos / Porque mentimos / Pra que lado sopra o vento? / Me chamo fulano  
de tal / Sou voyeur, sou ator, sou o triz / O inventor de histórias, poeta / Compositor  
popular / Tudo o que bem quis / Tais experimentos / E nada mais, nada mais,  
nada mais / Noite de chuva o trânsito lento / Num trânsito mais lento /  
Não há mais respostas, nenhum questionamento / O importante é o frenesi,  
o ir / Comunicar que: sou assim e o mundo é pra mim / E o resto é ecstase /  
Acendo as luzes, pergunto: quem entendeu? / Nos créditos tantos  
nomes / E dos nomes de Deus... qual o que mais te apavora? / A ficha  
técnica se desenrola e é geral o descontentamento / Moral da história:  
no trânsito, quem não mora perde o discernimento / O trânsito estava lento,  
num trânsito muito lento / E quando a gente fala lento, a gente fala /  
De alguma coisa que se arrasta / De alguma coisa quase sem movimento.

ALVES, Bebeto. O trânsito. Intérprete: Bebeto Alves. In: —. *Blackbagnalnegovêlo*. Porto Alegre: Tec Audio, p2003. 1 CD. Faixa 1.

## ALEM-DEUS

## I / ABISMO

OLHO O TEJO, e de tal arte  
Que me esquece olhar olhando,  
E súbito isto me bate  
De encontro ao devaneando —  
O que é ser-rio, e correr?  
O que é está-lo eu a ver?

Sinto de repente pouco,  
Vácuo, o momento, o lugar.  
Tudo de repente é oco —  
Mesmo o meu estar a pensar.  
Tudo — eu e o mundo em redor —  
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,  
E do pensar se me some.  
Fico sem poder ligar  
Ser, idéia, alma de nome  
A mim, à terra e aos céus...

E súbito encontro Deus.

PESSOA, Fernando. *Cançãoes*. In: —. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA DO 3º ENCONTRO: A REFLEXÃO  
DATA: 18/04/06

## Ilusões

## NÃO PASSOU

Passou?  
Minúsculas eternidades  
Deglutidas por mínimos relógios  
Ressoam na mente cavernosa.

Não, ninguém morreu, ninguém foi infeliz.  
A mão – tua mão, nossas mãos –  
Rugosas, têm o antigo calor  
De quando éramos vivos. Éramos?

Hoje somos mais vivos do que nunca.  
Mentira, estamos sós.  
Nada, que eu sinta, passa realmente.  
É tudo ilusão de ter passado.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Farewell. In: \_\_\_\_\_.  
*Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

## PILOTO PRÁTICO

Preciso de ilusão, venho do olvido,  
rosa-dos-ventos, peito de diamante.  
E amarei que — meu signo de mareante —  
sobre o azul salso, o céu, me seja falso.

Cansei-me da verdade. Irei adiante,  
sem me amarrar ao mastro e encher o ouvido  
de cera ou algodão, como é devido  
a quem navega sobre uma onda cega.

Vida, mulher de prata, com pés sujos,  
carne de estíreis e de caramujos.  
Ilude-me por favor de Deus. Me ensina  
tudo o que engana a condição humana,  
desde o mar marinho azul-marinho  
até Marina, a mulher submarina.

RICARDO, Cassiano. *Antologia poética*. Rio de Janeiro:  
Ed. do Autor, 1964.

## MAR

O sonho levou-te para sempre  
em seu barco,  
mas não sei quem dormia:  
tu ou eu?  
Desfazia aos poucos o sono  
uma grinalda em seus dedos.  
Mas quem sabe  
quando veio ou partiu  
e em que barco  
aquele que nada deixando  
tudo levou?

Ou nada ia no barco  
e tudo era o Mar?

SILVA, Dora Ferreira da. Talhamar. In: \_\_\_\_\_.  
*Poesia reunida*.  
Rio de Janeiro: TopBooks, 1999.

## VI

O sono — Oh, ilusão! — o sono? quem  
Logrará esse vácuo ao qual aspira  
A alma que de aspirar em vão delira  
E já nem força para querer tem?

Que sono apeteçamos? O d'algum  
Adormecido na feliz mentira  
Da sonolência vaga que nos tira  
Todo o sentir no qual a dor nos vem?

Ilusão tudo! Quer um sono eterno,  
Um descanso, uma paz, não é senão  
O último anseio desesperado e vão.

Perdido, resta o derradeiro inferno  
Do tédio intermínio, esse de já não  
Nem aspirar a ter aspiração.

PESSOA, Fernando. Cancioneiro. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

## A DANÇARINA

Atirou-me uma rosa imaginária.  
Era um veleiro esbelto  
Entre espumas e azuis  
Cortando o mar.  
Era uma árvore vestida de flores  
Crescendo para os astros,  
Leve e trêmula.

Atirou-me uma rosa imaginária.  
Fugia e avançava.  
Os pés brancos dançavam.

SCHMIDT, Augusto Frederico. Aurora lívida. In: \_\_\_\_\_.  
*Poesia completa*. Rio de Janeiro: TopBooks: Faculdade  
da Cidade, 1995.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA 4º ENCONTRO: ILUSÕES  
GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS POÉTICOS  
COMPONENTES:

Prof. Dr. Norberto Perkowski (Coordenador – Departamento de Letras)  
Prof. Ms. Ângela Cogo Fronckowiak (Membro integrante – Departamento de Letras)  
Prof. Dr. Sandra Richter (Membro integrante – Departamento de Educação)  
Fabiano Felten (Bolsista BIC/FAPERGS e Discente de Letras/Português)  
Ana Luiza Martins (Bolsista PROBIC II/FAPERGS e Discente de Letras/Português e Espanhol)

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC

BANDEIRA, Manuel. Belo belo. In: \_\_\_\_\_. *Estrela da vida*.  
Pineira, 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

## CÉU

A criança olha  
Para o céu azul.  
Levanta a mãozinha,  
Quer tocar o céu.  
Não sente a criança  
Que o céu é ilusão:  
Crê que o não alcança,  
Quando o tem na mão.

## O MORTO CRESCE

O morto cresce estranhamente, logo que morre.  
A barba brota-lhe no rosto  
e as unhas se alongam.  
O morto cresce em nossa mente.

Súbito, recrudescer o afeto  
ampliam-se as lembranças,  
dilatam-se a biografia  
nas conversas e jornais.

O morto, antes de morrer completamente  
instala-se no nosso espanto  
iludindo a própria morte.

Depois, a urgência da vida  
toma conta de nossos dias  
e o morto se conforma  
encolhe-se  
e fica amortecido num canto da memória  
até morrer de novo  
dentro de nossa morte.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Textamentos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

## A OUTRA INFÂNCIA

Meninos que daqui não vejo  
Dançam e cantam de roda no terreiro ao lado.

O menino que também brincou de roda  
Seria mesmo eu? Creio que não.  
(Viramos crianças  
Ao imaginar a criança que não fomos.)  
Já era outro menino, já pensava,  
iluminando-me com duas luas  
— Uma na cabeça.

MEENDES, Murilo. Poesia Liberdade. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

## AS ILUSÕES

Não é ninguém. É a água.  
— Ninguém?  
Não é ninguém a água?  
— Não  
É ninguém. É a flor.  
— Ninguém?  
Pois não é ninguém a flor?  
— Não  
É ninguém. O vento.  
— Ninguém?  
Não é ninguém o vento?  
— Não  
Há ninguém. Ilusão.  
— Ninguém?  
E não é ninguém a ilusão?

JIMÉNEZ, Juan Ramón. Poemas traduzidos. In: \_\_\_\_\_. BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

## O Silêncio das Estrelas (Lerine / Dudu Falcao)

Solidão  
no silêncio das estrelas  
a ilusão  
Eu pensei que tinha o mundo  
em minhas mãos  
feito um Deus  
que amanhece mortal  
E assim,  
repetindo os mesmos erros  
doí em mim  
ver que toda essa procura  
não tem fim  
O que é que eu procuro afinal  
Um sinal,  
uma porta pro infinito irreal  
O que não pode ser dito  
afinal  
ser um homem em busca de mais  
afinal  
feito estrelas que brilham em paz

LENINE, FALCAO, Dudu. O silêncio das estrelas. Interpretado: Fátima Guedes. In: GUEDES, Fátima. *Pró bom entendimento...* Rio de Janeiro: Velas, 1994.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA DO 4º ENCONTRO: ILUSÕES  
DATA: 25/04/06

## O lazer

## Eu ia trabalhar...

Eu ia fazer meu trabalho, hoje cedo,  
 Mas um passarinho cantou no avoado,  
 E as borboletas no campo esvoaçavam,  
 E as verdes folhagens todas me acenavam  
 E a brisa soprava suave no prado.  
 Balançando a relva, prum lado e outro lado,  
 E o lindo arco-íris a mão me estendeu:  
 Como resistir-lhes? Sorri — e lá fui eu!

LE GALIENNE, Richard. Eu ia trabalhar... In: BELINKY, Tatiana. *Um caldeirão de poemas: 62 poemas traduzidos, adaptados ou escritos por Tatiana Belinky*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

## BRINCAR NA RUA

Tarde?  
 O dia dura menos que um dia:  
 O corpo ainda não parou de brincar  
 e já estão chamando da janela:  
 É tarde.  
 Ouço sempre este som: é tarde, tarde  
 A noite chega de manhã?  
 Só existe a noite e seu sereno?  
 O mundo não é mais, depois das cinco?  
 É tarde.  
 A sombra me proíbe.  
 Amanhã, mesma coisa.  
 Sempre tarde antes de ser tarde.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

## NOITE CARIOCA

Noite da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro  
 tão gostosa  
 que os estadistas europeus lamentam ter conhecido tão tarde.  
 Casas grudados nos portões de jasmineiros...  
 A baía de Guanabara, diferente das outras baías, é camarada,  
 recebe na sala de visita todos os navios do mundo  
 e não fecha a cara.  
 Tudo perde o equilíbrio nesta noite,  
 as estrelas não são mais constelações célebres,  
 são lamparinas com ares domingueiros,  
 as sonatas de Beethoven realejadas nos pianos dos bairros distintos  
 não são mais obras importantes do gênio imortal,  
 são valsas arrebitadas...  
 Perfume vira cheiro,  
 as mulatas de brutas ancas dançam nos criouléus suarentos.  
 O Pão de Açúcar é um cão de fila todo especial  
 que nunca se lembra de latir pros inimigos que transpõem a barra  
 e às 10 horas apaga os olhos pra dormir.

MENDES, Murilo. Poemas. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
 TEMA 5º ENCONTRO: O LAZER  
 GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS POÉTICOS  
 COMPONENTES:

Prof. Dr. Norberto Perkoski (Coordenador – Departamento de Letras)  
 Prof. Ms. Ângela Cogo Fronckowiak (Membro integrante – Departamento de Letras)  
 Prof. Dr. Sandra Richter (Membro integrante – Departamento de Educação)  
 Fabiano Felten (Bolsista BIC/FAPERGS e Discente de Letras/Português)  
 Ana Luiza Martins (Bolsista PROBIC II/FAPERGS e Discente de Letras/Português e Espanhol)

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC

## RÁPIDO E RASTEIRO

vai ter uma festa  
 que eu vou dançar  
 até o sapato pedir pra parar.  
 aí eu paro, tito o sapato  
 e danço o resto da vida

CHACAL, Rápido e rasteiro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

## BALADA DO BELAS-ARTES

Sobre o mármore das mesas,  
do Café Belas-Artes  
os problemas se resolviam  
como em passe de mágica.

Não que as leis do real  
se abolissem de todo  
mas ali dentro Curitiba  
era quase Paris:

O verso vinha fácil  
o conto tinha graça  
a música se compunha  
o quadro se pintava.

Doía muito menos  
a dor-de-cotovelo,  
nem chegava a incomodar  
a falta de dinheiro.

Para o sedento havia  
um copo de água fresca,  
média pão e manteiga  
consolavam o faminto.

Não se desfia nunca  
a roda de amigos;  
o tempo congelara-se  
no seu melhor minuto.

Um dia foi fechado  
o Café Belas-Artes  
e os amigos não acharam  
outro lugar de encontro.

Talvez porque já não tivessem  
(adeus Paris adeus)  
mais razões de encontrar-se  
mais nada a se dizer.

## Na casa de Elizabeth Bishop

Para Linda Nemer

Sentadas nessa horta  
— ou seria um jardim? —  
desfolhamos lembranças.  
O passado desliza

entre almeirão e dalias.

O nome de Lili resvala nas cravinas  
vai Ninira pousar-se  
na macela

a salsa repicada  
acolhe Elizabeth.

Chegam de dentro  
as vozes dos parentes  
que se atardam à mesa  
descomposta do almoço.

A mureta está quente  
sob as coxas.

Há um antúrio na lata  
um limoeiro.

Eu esfarelo entre os dedos  
flores secas

procuro no miolo  
cato, assopro.

E enquanto conversamos  
relembrando as amigas  
vou juntando na palma  
o meu cartegamento  
de sementes.

COLASANTI, Marina. *Rota de colisão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

## 2 MENTIRAS

Lili vive no mundo do Faz-de-conta... Faz de conta que isto é um avião. Zzzuuu... Depois aterrissou em piquê e virou trem. Tuc tuc tuc tuc... Entrou pelo túnel, chispando. Mas debaixo da mesa havia bandidos. Pum! Pum! Pum! O trem descartou. E o mocinho? Onde é que está o mocinho? Meu Deus! onde é que está o mocinho?! No auge da confusão, levaram Lili para cama, à força. E o trem ficou tristemente derribado no chão, fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.

QUINTANA, Mário. *Sapato florido*. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA DO 5º ENCONTRO: O LAZER  
DATA: 02/05/06

PAES, José Paulo. *Prosas seguídas de odes mínimas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

### CHEGOU O CIRCO

Estava escuro.  
O esqueleto das arquibancadas  
se cobria de lona  
pintada de lua  
pelos furos.

Atado pelo pé  
um elefante mais velho  
que o da Arca de Noé  
se berrava  
d'água.

E os palhaços  
riam em suas calças  
largas, coloridas  
com flores vivas, enormes  
na barriga.

Dentro era escuro  
e fiquei amedrontado  
alguém cantava triste,  
baixinho,  
do outro lado.

— Alguém aí, responde!

Era uma voz inquieta  
que vinha de trás da lona.  
Esperamos em silêncio  
que se passassem segundos  
e avançamos às cegas  
tateando pelo escuro.

Uma luz acendeu-se,  
morna,  
mais adiante.

Pensei: "Vê só a besteira!  
Tanta beleza lá fora  
e eu marcando bobeira".

Lico ergueu a lona  
eu fechei os olhos  
as pernas já meio bambas.

— Vem — disse ele —  
é um barato!

E eu, o que é que eu via:

Uma mulher barbada  
de cento e tantos quilos  
se banhava na banheira  
que nem uma lua  
nua, nua, nua, nua.

### BALÓEZINHOS

Na feira livre do arrebaldzinho  
Um homem loquaz apregoa balóezinhos de cor:  
— "O melhor divertimento para as crianças!"  
Em redor dele há um ajuntamento de menininhos pobres,  
Fitando com olhos muito redondos os grandes balóezinhos muito redon-  
[dos.

No entanto a feira burburinha.  
Vão chegando as burguesinhas pobres,  
E as criadas das burguesinhas ricas,  
E mulheres do povo, e as lavadeiras da redondeza.  
Nas bancas de peixe,  
Nas barraquinhas de cereais,  
Junto às cestas de hortaliças  
O tostão é regateado com acrimônia.

Os meninos pobres não vêem as ervilhas tenras,  
Os tomatinhos vermelhos,  
Nem as frutas,  
Nem nada.

Sente-se bem que para eles ali na feira os balóezinhos de cor são a única  
[mercadoria útil e verdadeiramente indispensável.

O vendedor infatigável apregoa:

— "O melhor divertimento para as crianças!"  
E em torno do homem loquaz os menininhos pobres fazem um círculo ina-  
[movível de desejo e espanto.

[BANDEIRA, Manuel. O ritmo dissoluto. In: *Estrela da vida inteira*, 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.]

[CAPPARELLI, Sérgio. *Restos de arco-íris*. 5. ed. Porto Alegre: L&PM, 1997.]

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA DO 5º ENCONTRO: O LAZER  
DATA: 02/05/06

|                                                                                                                                   |  |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| <b>Feijoada completa</b>                                                                                                          |  |
| Mulher                                                                                                                            |  |
| Você vai gostar                                                                                                                   |  |
| Tô levando uns amigos pra conversar                                                                                               |  |
| Eles vão com uma fome que nem me contem                                                                                           |  |
| Eles vão com uma sede de anteontem                                                                                                |  |
| Salta cerveja estupidamente gelada prum batalhão                                                                                  |  |
| E vamos botar água no feijão                                                                                                      |  |
| Mulher                                                                                                                            |  |
| Não vá se afobar                                                                                                                  |  |
| Não tem que pôr a mesa, nem dá lugar                                                                                              |  |
| Ponha os pratos no chão, e o chão tá posto                                                                                        |  |
| E prepare as linguiças pro tiragosto                                                                                              |  |
| Uca, açúcar, cumbuca de gelo, limão                                                                                               |  |
| E vamos botar água no feijão                                                                                                      |  |
| Mulher                                                                                                                            |  |
| Você vai fritar                                                                                                                   |  |
| Um montão de torresmo pra acompanhar                                                                                              |  |
| Arroz branco, farofa e a malagueta                                                                                                |  |
| A laranja-bahia ou da seleta                                                                                                      |  |
| Joga o paio, carne seca, toucinho no caldeirão                                                                                    |  |
| E vamos botar água no feijão                                                                                                      |  |
| Mulher                                                                                                                            |  |
| Depois de salgar                                                                                                                  |  |
| Faça um bom refogado, que é pra engrossar                                                                                         |  |
| Aproveite a gordura da frigideira                                                                                                 |  |
| Pra melhor temperar a couve mineira                                                                                               |  |
| Diz que tá dura, pendura a fatura no nosso irmão                                                                                  |  |
| E vamos botar água no feijão                                                                                                      |  |
| BUARQUE, Chico. Feijoada completa. Intérprete: Chico Buarque. In: <i>O sambista</i> . São Paulo: Universal, p2000. 1 CD. Faixa 1. |  |





## CANTOS

## I

Vim rolando nas águas como pedra solta  
os olhos sofridos de tantas madrugadas  
vim sem-sentido como um colar desfeito  
as mãos partidas, frouxas, caladas  
flutuando em cega sobrevivência.

(Que ausência de corpo no meu corpo  
cinza e degredo  
que ausência de alma na minha alma  
fogo e segredo)

Vim no colo das águas nua e humana  
trazendo lírios enleados nos cabelos  
lírios brancos da margem abandonada  
vim tecendo silêncios como folhas  
caídas da sombra, tangidas no vento  
vim presa à angústia morna e taciturna  
do sono dos pássaros ao crepúsculo.

(Que ausência de corpo no meu corpo  
cinza e degredo  
que ausência de alma na minha alma  
fogo e segredo)

Da margem deixada murcharam as flores  
já nada me resta da dor encontrada  
vesti-me de Nada e o humano perdeu-se  
e o nome esvaiu-se na face alheada  
ganhar ou perder é um eco morrendo  
de jogo esquecido da infância lembrada.

Os lírios murcharam e a magnólia surgiu.

SILVA, Dora Ferreira da. Andanças. In: \_\_\_\_\_. *Poesia reunida*.  
Rio de Janeiro: TopBooks, 1999.

## Caçador de mim

Por tanto amor, por tanta emoção  
A vida me fez assim  
Doce ou atroz, manso ou feroz  
Eu, caçador de mim  
Preso a canções

Entregue a paixões que nunca  
tiveram fim  
Vou me encontrar longe do meu lugar  
Eu, caçador de mim

Nada a temer

Senão o correr da luta

Nada a fazer

Senão esquecer o medo

Abrir o peito à força

Numa procura

Fugir às armadilhas da mata escura

Longe se vai sonhando demais

Mas onde se chega assim

Vou descobrir o que me faz sentir

Eu, caçador de mim

MAGRÃO, Sérgio; SÁ, Luiz Carlos. Caçador de mim. Intérprete:  
Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, Milton. *Millennium*. São  
Paulo: PolyGram, p1998. 1 CD. Faixa 3.

Ver o nada  
Estou limpando os filtros da percepção, olhando o nada:  
- o mar batendo nas pedras  
- essas andorinhas girando em alegres círculos  
catando insetos no ar.

Estou na janela deste hotel há várias horas  
vendo  
esse estupendo Sol se pondo sobre o nada.

Sou tudo

o mar, a pedra, o pássaro, o Sol  
um coração pequeno qual inseto  
pulsando secretamente na janela  
que me alberga no universo.

SANT'ANNA, Alfonso Romano de. *Textamentos*. Rio  
de Janeiro: Rocco, 1999.

ENCONTROS COM A POESIA - XIII MÓDULO  
TEMA DO 6º ENCONTRO: AUTOCONHECIMENTO  
DATA: 09/05/06

# Memórias Felizes

**Poema da grande alegria**

Olhavas-me tanto  
E estavas tão perto de mim  
Que, no meu êxtase,  
Nem sabia qual fosse  
Cada um de nós...

Era num lugar tão longe  
Que nem parecia neste mundo...

Num lugar sem horizontes,  
Onde, sobre águas imóveis,  
Havia lócus encantados...  
Vinham de mais longe,  
De ainda mais longe,

Músicas sereníssimas,  
Imateriais como silêncios...  
Músicas para se ouvirem com a alma, apenas...  
E tudo, em torno, ...  
Eram purificações...

Não sei para onde me levavas:  
Mas aqueles caminhos pareciam  
Os caminhos eternos  
Que vão até o último sol...  
E eu me sentia tão leve  
Como o pensamento de quem dorme...

Eu me sentia com aquela outra Vida  
Que vem depois da vida...  
Eleito, ó Eleito,  
Eu queria ficar sonhando  
Para sempre,  
Queria ficar,  
Para sempre,  
Tão perto de Ti  
Que, no meu êxtase,  
Nem se pudesse saber  
Qual fosse cada um de nós...

MEIRELES, Cecília. Poema dos poemas. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

**Saudade**

Saudade! Olhar de minha mãe rezando,  
E o pranto lento deslizando em fio...  
Saudade! Amor da minha terra... O rio  
Cantigas de águas claras soluçando.

Noites de junho... O caburé com frio,  
Ao luar, sobre o arvoredo, piando...  
E, ao vento, as folhas lívidas cantando  
A saudade imortal de um sol de estio.

Saudade! Asa de dor do Pensamento!  
Gemidos vãos de canaviais ao vento...  
As mortais de névoa sobre a serra...

Saudade! O Parnaíba – velho monge  
As barbas brancas alongando... E, ao longe,  
O mugido dos bois da minha terra...

DA COSTA E SILVA, Saudade. In: PINTO, José Neumann (Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

**TEMPO: SAÍDA & ENTRADA**

No tempo de minha avó,  
meu feijão era mais sério.  
Havia um ou dois óculos  
me espiando atrás  
de molduras rodadas.  
Mas eu era feliz,  
dentro da criança  
o outono dançava  
enquanto pulgas vadias  
dividiam os óculos.

Dentro da criança,  
as pulgas espiavam  
o outono vazio,  
dividiam minhas molduras  
rodadas por óculos vadios.  
No tempo de meu feijão  
minha avó era mais séria.

SECCHIN, Antônio Carlos. Tempo: saída & entrada. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *26 poetas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

**FELIZ!**

Deitado no alto do carro de feno... com os braços e as pernas abertos em X... e as nuvens, os vãos passando por cima... Por que estradas de abril viajei assim um dia? De que tempos, de que terras guardei essa antiga lembrança, que talvez seja a mais feliz das minhas falsas recordações?

QUINTANA, Mário. *Sapato florido*. Porto Alegre: UERGS, 1994.

**ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO**  
**TEMA 7º ENCONTRO: MEMÓRIAS FELIZES**  
**GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS POÉTICOS**  
**COMPONENTES:**  
 Prof. Dr. Norberto Perkoski (Coordenador – Departamento de Letras)  
 Prof. Ms. Ângela Cogo Fronckowiak (Membro integrante – Departamento de Letras)  
 Prof. Dr. Sandra Richter (Membro integrante – Departamento de Educação)  
 Fabiano Felten (Bolsista BIC/FAPERGS e Discente de Letras/Português)  
 Ana Luiza Martins (Bolsista PROBIC II/FAPERGS e Discente de Letras/Português e Espanhol)

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC**

### Clareira

Seria tão bom, como já foi,  
as comadres se visitarem nos domingos.  
Os compadres fiquem na sala, cordiosos,  
pitando e rapando a goela. Os meninos,  
farejando e mijando com os cachorros.

Houve esta vida ou inventei?  
Eu gosto de metafísica, só pra depois  
pegar meu bastidor e bordar ponto de cruz,  
falar as falas certas: a de Lurdes casou,  
a das Dores se forma, a vaca fez, aconteceu,  
as santas missões vêm aí, vigiai e orai  
que a vida é breve.

Agora que o destino do mundo pende do meu palpite  
quero um casal de compadres, molécula de sanidade,  
pra eu sobreviver.

PRADO, Adélia. Bagagem. In: \_\_\_\_\_. *Poesia reunida*.  
9. ed. São Paulo: Siciliano, 1999.

### O MENINO SEM PASSADO

Monstros complicados  
não povoaram meus sonhos de criança  
porque o saci-pererê não fazia mal a ninguém  
limitando-se moleque a dançar maxixes desenfreados  
no mundo das garotas de madeira  
que meu tio habilidoso fazia para mim.

A mãe-d'água só se preocupava  
em tomar banhos asseadíssima  
na piscina do sítio que não tinha chuveiro.

De noite eu ia no fundo do quintal  
pra ver se aparecia um gigante com trezentos anos  
que ia me levar dentro dum surrão  
mas não acreditava nada.

Fiquei sem tradição de costumes nem lendas  
estou diante do mundo  
deitado na rede mole  
que todos os países embalam.

MENDES, Murilo. Poemas. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa  
e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

### SOB O CÉU TODO ESTRELADO

As estrelas, no céu muito limpo, brilhavam, divinamente distantes.  
Vinha da cançada o aroma amolecente dos jasmims.

E havia também, num canto perto, rosas que cheiravam a jambo.

Um vaga-lume abateu sobre as hortênsias e ali ficou luzindo misteriosa-  
mente.

À parte as águas de um córrego contavam a eterna história sem começo nem  
fim.

Havia uma paz em tudo isso...

(Era de resto o que dizia lá dentro o meigo adágio de Haydn.)

Tudo isso era tão tranquilo... tão simples...

E deverias dizer que foi o teu momento mais feliz.

BANDEIRA, Manuel. O ritmo dissoluto. In: \_\_\_\_\_.  
*Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,  
1993.

### De Albavilla a Mury

Cerejira de julho  
quando você floresce  
em minha casa,  
no meu país  
as tuas irmãs dão frutos.

No meu país eu cavalgava galhos  
quente casca entre as coxas  
investindo no campo do vizinho  
rasgando o milharal  
mãos e boca manchadas do teu sangue.

Hoje, na minha casa da montanha  
eu não monto nem domo.

Aliso o tronco  
quase dorso fosse  
e parada me perco  
entre tuas flores.

COLASANTI, Marina. *Rota de colisão*. Rio de  
Janeiro: Rocco, 1993.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA DO 7º ENCONTRO: MEMÓRIAS FELIZES  
DATA: 16/05/06

# RECORDAR

Já é de tarde.  
O ar — aragem  
as pessoas — personagens.  
Saúdares de Marília de olhos de ouro  
de Cyrene Telles Poeta (musa vernáculo)  
e Flora — hesitante  
entre dois amantes.  
Confidentes  
os segredos esquecíamos: eram iguais.  
Nossos amores:  
velhos professores e o Maestro Vila-Lobos.  
Que amor maior? O seu? O meu?  
Findava o recreio  
pão e manteiga ao meio.  
Agora é recordar  
haurir a aragem  
da tarde agora  
hora em que arde  
a recordação.

SILVA, Dora Ferreira da. Jardins: esconderijo. In: —. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999.

# Bela Mocidade

Quando eu me lembro  
Da minha bela mocidade  
Tinha tudo à vontade  
Brincando no boi de Axixá  
Eu brincava com você  
Naquela praia ensolarada  
A sua pele bronzeada  
Eu começava a contemplar  
Mas o vento buliçoso balançava seus cabelos  
E eu ficava com ciúme do perfume ele tirar  
Mas quando o banzeiro quebrava  
Seu lindo rosto molhava  
E a gente se rolava na areia do mar

DONATO; NAIVA, Francisco. Bela mocidade. Intérprete: Maria Bethânia. In: BETHÂNIA, Maria. *Imitação da vida*. São Paulo: EMI, p1997. 1 CD. Faixa 7. v. 1.

## Emoções

### Canção

Quero um dia para chorar.  
Mas a vida vai tão depressa!  
— e é preciso deixar contida  
a tristeza, para que a vida,  
que acaba quando mal começa,  
tenha tempo de se acabar.

Não quero amor, não quero amar...  
Não quero nenhuma promessa  
nem mesmo para ser cumprida.  
Não quero a esperança partida,  
nem nada de quanto regressa.  
Quero um dia para chorar.

Quero um dia para chorar.  
Dia de desprender-me dessa  
aventura mal-entendida  
sobre os espelhos sem saída  
em que jaz minha face impressa.  
Chorar sem protesto. Chorar.

MEIRELES, Cecília. Retrato natural. In: \_\_\_\_\_.  
*Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,  
2001. v. 1.

### O BEIJO

Quando a moça lhe estendeu a boca  
(A idade da inocência tinha voltado,  
já não havia na árvore maçãs envenenadas),  
Ele sentiu, pela primeira vez, que a vida era um dom fácil  
De insuperáveis possibilidades.

Ai dele!  
Tudo fora pura ilusão daquele beijo.  
Tudo tornou a ser cativo, inquietação, perplexidade:  
— No mundo só havia de verdadeiramente livre aquele beijo.

BANDEIRA, Manuel. Estrela da tarde. In: \_\_\_\_\_.  
*Estrela da vida inteira*. 20 ed. Rio de Janeiro:  
Nova Fronteira, 1993.

### O retrato

Eu quero a fotografia,  
os olhos cheios d'água sob as lentes,  
caminhando de terno e gravata,  
o braço dado com a filha.

Eu quero a cada vez olhar e dizer:  
estava chorando. E chorar.

Eu quero a dor do homem na festa de casamento,  
seu passo guardado, quando pensou:  
a vida é amarga e doce?

Eu quero o que ele viu e aceitou corajoso,  
os olhos cheios d'água sob as lentes.

PRADO, Adélia. Bagagem. In: \_\_\_\_\_. *Poesia reunida*.  
9. ed. São Paulo: Siciliano, 1991.

### ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO TEMA 9º ENCONTRO: EMOÇÕES

#### GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS POÉTICOS

##### COMPONENTES:

Prof. Dr. Norberto Perkoski (Coordenador – Departamento de Letras)  
Prof. Ms. Ângela Cogo Fronckowiak (Membro integrante – Departamento de Letras)  
Prof. Dr. Sandra Richter (Membro integrante – Departamento de Educação)  
Fabiano Felten (Bolsista BIC/FAPERGS e Discente de Letras/Português)  
Ana Luiza Martins (Bolsista PROBIC II/FAPERGS e Discente de Letras/Português e Espanhol)

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC

## FALHA NOSSA

Quando Deus criou a emoção,  
Ele a fez natural e equilibrada  
de forma tal,  
que a lágrima veio então dosada  
nas justas proporções  
do açúcar e do sal.  
Foi o homem que a tornou exacerbada  
e conflitante.  
É que Deus num momento descuidado  
ficou entusiasmado:  
inventou o poeta e o amante.

FIGUEIREDO, Flora. *Calçada de verão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

Hoje 'stou triste, 'stou triste.  
'Starei alegre amanhã...  
O que se sente consiste  
Sempre em qualquer coisa vã.

Ou chuva, ou sol, ou preguiça...  
Tudo influi, tudo transforma...  
A alma não tem justiça,  
A sensação não tem forma.

Uma verdade por dia...  
Um mundo por sensação...  
'Stou triste. A tarde está fria.  
Amanhã, sol e razão.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

## LÁGRIMA DO SÉTIMO DIA

Por favor  
não me caleem quando eu chorar  
É atestado de ciso  
é o mesmo que riso  
quando eu chorar  
Sou poeta  
e chorar é minha musculação  
Exercício.  
Por favor não me incomodem quando eu chorar.  
É o macaco  
feliz da mutação  
é lavagem de olho  
é a costela de Adão  
sentindo  
sem ninguém questionar  
É Deus descansando  
em emoção no sétimo dia  
depois de delirar.

LUCINDA, Elisa. *Enteamo e suas estréias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

## MEU TRECHO PREDILETO

O que mais me comove, em música, são essas notas soltas — pobres notas únicas — que do teclado arranca o afinador de pianos...

QUINTANA, Mário. *Sapato florido*. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

## Mágoa

Pedras incendiam-se em minhas veias  
e minha voz disforme  
cala  
O fogo de asfalto sobe-me à garganta  
arranca-me os cabelos  
e os membros  
Vejo-me só  
atirada ao vento  
monstro sem cor  
corpo sem alma  
Ó angústia  
dor física de ser eu

ARRUDA, Eunice. Mágoa. In: FÁRIA, Álvaro Alves de; MOISES, Carlos Felipe (Orgs.). *Antologia poética da geração 60*. São Paulo: Nankin, 2000.

ENCONTROS COM A POESIA - XIII MÓDULO  
TEMA DO 9º ENCONTRO: EMOÇÕES  
DATA: 30/05/06

### ANA MARIA EM BOA VIAGEM

Teu riso chega a mim num violino  
cheio de guizos, brincalhão, menino  
Te ouço falar. Contas de amores  
desses de uma tarde, olhares disfarçados  
furtivas esperanças suscitadas  
por um mais lento redobrar na esquina  
Teus dedos morenos o cabelo afastam  
que o vento insiste em te trazer à boca  
O bonde passa. A tarde morre  
Há um sussurro de ondas pela praia  
um rumorejo de areias e de nuvens  
Tuas amigas se riem e todas juntas  
riem de quem te escuta e não te ouve

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Fundação Biblioteca Nacional, 1998.

### Sangrando

Quando eu soltar a minha voz  
Por favor, entenda  
Que palavra por palavra  
Eis aqui uma pessoa se entregando  
Coração na boca, peito aberto  
Vou sangrando  
São as lutas dessa nossa vida  
Que eu estou cantando  
Quando eu abrir minha garganta  
Essa força tanta  
Tudo que você ouvir  
Esteja certo  
Que estarei vivendo  
Veja o brilho dos meus olhos  
E o tremor nas minhas mãos  
E o meu corpo tão suado  
Transbordando toda a raça e emoção  
E se eu chorar  
E o sal molhar o meu sorriso  
Não se espante, cante  
Que o teu canto é minha força pra cantar  
Quando eu soltar a minha voz  
Por favor, entenda  
É apenas o meu jeito de viver o que é amar  
E se eu chorar  
E o sal molhar o meu sorriso  
Não se espante, cante  
Que o teu canto é minha força pra cantar  
Quando eu soltar a minha voz  
Por favor, entenda  
É apenas o meu jeito de viver o que é amar

GONZAGA Jr., Luiz. *Sangrando*. Interpretado por Selma Reis. In: REIS, Selma. *Achados e perdidos*. Rio de Janeiro: Velas, p.196.

ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO  
TEMA DO 9º ENCONTRO: EMOÇÕES  
DATA: 30/05/06



# Letras poéticas da canção brasileira – Imagens poéticas

## A força que nunca seca

Já se pode ver ao longe  
A senhora com a lata na cabeça  
Equilibrando a lata vesga  
Mais do que o corpo dita  
O que faz o equilíbrio cego  
A lata não mostra  
O corpo que entorta  
Pra lata ficar reta  
Pra cada braço uma força  
De força não geme uma nota  
A lata só cerca, não leva  
A água na estrada morta  
E a força nunca seca  
Pra água que é tão pouca

CESAR, Chico; DA MATA, Vanessa. A força que nunca seca. Interpretado: Vanessa da Mata. In: DA MATA, Vanessa. *Vanessa da Mata*. Rio de Janeiro: Epic, p[200-], 1 CD. Faixa 10.

## Para Lindsay

Vachel, as estrelas se apagaram  
a escuridão caiu na estrada do Colorado  
um automóvel arrasta-se lento na planície  
pelo rádio ressoa o clangor do jazz na penumbra  
o inconsolável caixeiro viajante acende um cigarro  
Há vinte e sete anos em outra cidade  
eu vejo sua sombra na parede  
você de suspensórios sentado na cama  
a mão de sombra encosta uma pistola na sua cabeça  
seu vulto cai no assoalho

RAMIL, Vitor. Para Lindsay. Interpretado: Vitor Ramil. In: *Tambor*. Buenos Aires: Satelep, p[2000], 1 CD. Faixa 11. (Musicalização de um poema de Allen Ginsberg, traduzido por Cláudio Willer).

## Os Meninos Dançam

Pinta uma estrela na lona azul do céu  
Pinta uma estrela lá  
Pinta um malandro e no malandro outro malandro  
Flutua angelical  
Um por um, um por um, um por um, um por um  
Agora a moça esboça um salto vai mas não vai  
Todos sabem voar  
(Baby, Boca, Charles)  
A tribo blue, nomadismo, tenda-templo  
Circo transcendental  
(Jorge, Pepeu, Bola, Didi)  
A história do samba,  
A luta de classes, os melhores passes de Pelé  
Tudo é filtrado ali  
Naquele espaço azul, naquele tempo azul, naquela tudo azul  
Eles dançam, eles dançam, eles dançam, todos eles dançam  
Dança-moenda  
Dança-desenho, dança-trapézio, dança-oração  
Moenda-redenção

VELOSO, Caetano. Os meninos dançam. Interpretado: Caetano Veloso. In: *Cinema transcendental*. São Paulo: PolyGram, p[1989], 1 CD. Faixa 12.

## Chão de Estrelas

Minha vida era um palco iluminado  
eu vivia vestido de dourado  
palhaço das perdas ilusões  
cheio dos guizos falsos da alegria  
andei cantando a minha fantasia  
entre as palmas febris dos corações  
meu barracão lá no morro do salgueiro  
tinha o cantar alegre de um viveiro  
foi a sonoridade que acabou  
e hoje, quando do sol, a claridade  
cobre o meu barracão, sinto saudade  
da mulher pomba-rola que voou  
nossas roupas comuns dependuradas  
nas portas qual bandeiras agitadas  
pareciam um estranho festival  
festa dos nossos trapos coloridos  
a mostrar que nos morros mal vestidos  
é sempre feriado nacional  
a porta do barracão era sem trinco  
e a lua furando nosso zinco  
salpicava de estrelas nosso chão  
tu pisavas nos astros distraída  
sem saber que a ventura desta vida  
é a cabrocha, o har e o violão.

CALDAS, Silvio; BARBOSA, Orestes. Chão de estrelas. Interpretado: Maria Bethânia. In: BETHÂNIA, Maria. *Intuição da vida*. São Paulo: EMI, p[1996], 1 CD. Faixa 2 v. 1.

## ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO TEMA 10º ENCONTRO: LETRAS POÉTICAS DA CANÇÃO BRASILEIRA IMAGENS POÉTICAS GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS POÉTICOS COMPONENTES:

Prof. Dr. Norberto Perkoski (Coordenador – Departamento de Letras)  
Prof. Ms. Ângela Cogo Fronckowiak (Membro integrante – Departamento de Letras)  
Prof. Dr. Sandra Richter (Membro integrante – Departamento de Educação)  
Fabiano Felten (Bolsista BIC/FAPERGS e Discente de Letras/Português)  
Ana Luiza Martins (Bolsista PROBIC II/FAPERGS e Discente de Letras/Português e Espanhol)

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC

## Mar e Lua

Amaram o amor urgente  
As bocas salgadas pela maresia  
As coisas lançadas pela tempestade  
Naquela cidade  
Distante do mar  
Amaram o amor serenado  
Das noturnas praias  
Levantavam as saias  
E se enluaravam de felicidade  
Naquela cidade  
Que não tem luar  
Amavam o amor proibido  
Pois hoje é sabido  
Todo mundo conta  
Que uma andava tonta  
Grávida de lua  
E outra andava nua  
Ávida de mar

E foram ficando marcadas  
Ouvindo risadas, sentindo arrepio  
Olhando pro rio tão cheio de lua  
E que continua  
Correndo pro mar  
E foram correnteza abaixo  
Rolando no leito  
Engolindo água  
Boiando com as algas  
Arrastando folhas  
Carregando flores  
E a se desmanchar  
E foram virando peixes  
Virando conchas  
Virando seixos  
Virando areia  
Prateada areia  
Com lua cheia  
E a beira-mar

BUARQUE, Chico. Mar e lua. Interprete: Chico Buarque.  
In: \_\_\_\_\_. *Vida*. São Paulo: Universal Music, p1980. 1 CD.  
Faixa 2.

## Anabela

No porto de Vila Velha  
vi Anabela chegar  
olho de chama de vela  
cabelo de velejar  
pele de fruta cabocla  
com a boca de cambucá  
seios de agulha de bússola  
na trilha do meu olhar  
fui ancorando nela  
naquela ponta de mar  
no pano do meu veleiro  
veio Anabela deitar  
vento eriçava o meu pêlo  
queimava em mim seu olhar  
seu corpo de tempestade  
rodou meu corpo no ar  
com mãos de rodadoiro  
fez o meu barco afundar  
eu que pensei que fazia  
daquela ventre meu cais  
só percebi meu naufrágio  
quando era tarde demais  
vi Anabela partindo  
pra não voltar nunca mais.

PINHEIRO, Paulo César; GIL, Mário. Anabela.  
Interprete: Consuelo de Paula. In: PAULA, Consuelo de.  
*Samba, seresta e baile*. [S.l.]: Dablin, p2000. 1 CD. Faixa 1

Quem vem vindo ali  
É um preto retinto e anda nu  
Boné cobrindo o pixaim  
E pitando um cachimbo de bambu

Vem me acudir  
Acho que ouvi seu assovio  
Fiquei até com cabelo em pé  
Me deu arrepio, frio

Quem vem vindo ali  
Tá capengando numa perna só  
Só pode ser coisa ruim  
Como bem já dizia minha vó

Diz que ele vem  
Montado num rodadoiro  
Já sei quem é, já vi seu boné  
Surgir no caruncho

Quando ele vê que eu me benzi  
E que eu me arredo, cruz credo  
Solia uma gargalhada  
Some na estrada  
Era o Saci

GUINGA; PINHEIRO, Paulo César. Saci. Interprete:  
Guinga. In: GUINGA. *Delírio carioca*. São Paulo:  
Velas, p1993. 1 CD. Faixa 2.

## Por onde?

Por onde passará o amor, se a ponte quebrar?  
Será que vai por água abaixo ou aprende a voar?  
Se vai voar até o infinito  
Se esquecer de continuar  
Ou vai fincar o pé na margem e acenar  
Para um ponto qualquer no horizonte  
Ou vai descer o rio até chegar no mar  
Ou se o amor é a própria ponte  
Amor, me diga  
Ai, amor, me conte

Por onde passará o amor, se a ponte quebrar?  
Será que vai por água abaixo ou aprende a voar?  
Se vai pagar pra ver a flor do abismo desabrochar  
Ou vai se consumir até se consumir  
Ou vai cair em si do último andar  
Sai sem ter paradeiro, nem hora pra chegar  
Vou conhecer o mundo inteiro, e se você chamar  
Com meu cavalo ligeiro, volto pra te buscar

Por onde passará o amor, se a ponte quebrar?  
Por onde passará o amor, se a ponte quebrar?

FERNANDES, Tati; ALBUQUERQUE, Kléber. Por onde?  
Interpretes: Kléber Albuquerque e Rubi. In: ALBUQUERQUE,  
Kléber. *O centro está em todas as partes*. [S.l.]: Tatiore, p2003.  
1 CD. Faixa 10.

**ENCONTROS COM A POESIA – XIII MÓDULO**  
TEMA DO 10º ENCONTRO: LETRAS POÉTICAS DA  
CANÇÃO BRASILEIRA  
IMAGENS POÉTICAS  
DATA: 06/06/06

## **ANEXO D - Tinta sobre tela**

### **Poema autoral da aluna Laura Salazar**

#### **Tinta sobre a tela**

Me diz

Por que a realidade dói tanto?

Por que os sonhos às vezes se tornam algo distante?

Por que a lua se tornou algo tão frio?

Ela já foi admirada

Mas as coisas mudaram

A realidade um dia será admirada?

Afinal

Por que temos medo de sonhar?

A realidade nos impõe a essas circunstâncias

Temos medo de sonhar como jovens crianças

Temos medo de acreditar que a lua é bela

Temos medo de um dia dizer que admiramos a realidade

Mas no final

A realidade é como a tinta sobre a tela

No momento em que você a pinta

Ficará marcada para sempre

## ANEXO E - O limão e o chocolate

### Poema autoral da aluna Laura Schmitt

#### O limão e o chocolate

eu aprendi que na vida existem três categorias  
limões, chocolates e chocolates meio amargos  
e nem sempre eles conseguem se misturar e formar um sabor de paladar agradável  
o limão de casca dura  
azedo, arde e machuca  
às vezes o limão só precisa de insistência  
ele precisa que insistam nele até que sintam a doçura no fundo de todos os seus sabores  
o limão precisava de amor  
mas o limão machuca  
ele não consegue dosar a força e a acidez que ardem na garganta  
a ardência que insiste em doer por minutos depois de ser ingerido  
o chocolate não  
o chocolate está sempre ali  
o chocolate é reconfortante  
ele está lá nos momentos de comemoração e euforia  
e permanece lá na tristeza e melancolia  
mas o chocolate ama demais  
e ele espera que todos sejam como ele, doces  
ele é de amor tão doce que enjoa  
enjoa aqueles que não acreditam ser merecedores de um doce  
e o limão continua ileso  
um chocolate ao leite, ao se colidir com um limão ainda não maduro  
ama como nunca  
porque acredita que é capaz de adicionar a doçura na vida do limão  
o chocolate tenta tanto, que por um tempo acredita que conseguiu  
mas o limão continua com o mesmo gosto ardente de sempre  
o limão não vai mudar,

ele pode até adoçar um pouco  
mas ele sempre vai ser ácido  
e o limão continua ileso  
o chocolate se torna, então  
temporário  
ele fica ali na vida do limão, tentando até o dia em que se cansa  
e, talvez, ele tenha conseguido adocicar a vida do limão  
mas o chocolate agora é mais amargo do que antes  
ele não é mais tão doce, tão cheio de amor  
ele não tem mais o mesmo cheiro, a mesma cor  
e o limão continua ileso  
  
- Eu nunca serei tão doce como era antes do meu limão.

**ANEXO F - O que mais amo na arte****Poema autoral do aluno Luís Henrique Silveira Backes****O que mais amo na arte**

Eu amo arte;  
arte que não é arte;  
arte viva;  
arte morta;  
arte diferente;  
arte bonita;  
e até arte feia;  
mas não ter arte;  
é o que mais me fascina;  
pois as vezes a falta;  
e a saudade;  
são a sua própria arte.